

Fernando de Vilhena

AV/RS

MURMURIOS D'ALMA

bibRIA  
VERSOS



AVEIRO  
TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

LARGO DA VERA-CRUZ

1875

DE VERA

MURMURIOS D'ALMA

UA

RS-106

AV/RS-

✓ 140454.

**MURMURIOS D'ALMA**

157770

Oferta  
da família do  
Dr. João  
Sarabando

bibRIA

# MURMURIOS D'ALMA

AURS

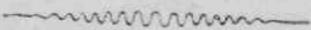


## VERSOS

DE

FERNANDO DE VILHENA

bibRIA



AVEIRO

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

LARGO DA VERA-CRUZ

1875

MURRISON'S DIALMA

1850

bibRIA

**A**

**SEUS ESTREMECIDOS PAES**

**bibRIA**

**EM TESTIMUNHO DO MAIS  
PROFUNDO RESPEITO E SINCERA  
GRATIDÃO**

**O. D. C.**

**O AUCTOR.**

A

SEUS ESTERMINADOS PAIS

# bibRIA

PROYECTO DE RECONSTRUCCION DE LA BIBLIOTECA  
DE LA UNIVERSIDAD DE VALPARAISO

1980

1980

**Meus Estremecidos Paes.**

O livro que vos offereço, são os **MURMURIOS** da minha **ALMA**, atravez as minhas deseseis primaveras.

São filhos de tristes lucubrações. A vontade e a gratidão foram os sentimentos que os embalaram ao nascer.

Se os acceitardes como penhór do muito que vos amo, e testemunha do muito que vos sou grato, ficarei satisfeito.

Não busco com elles uma gloria que não mereço. Desejo, apenas, testemunhar-vos que sou e serei sempre reconhecido aos vossos paternaes carinhos.

Aveiro, janeiro  
de 1875.

Vosso filho obediente  
e agradecido

**Fernando de Vilhena.**

Miembros de la Comision

U decir que los oficiales de los MURMURIOS de  
una ALMA, otros de algunas iglesias protestantes.  
Seo hijos de tristes padres. A cambio de  
estudio para el bienestar que el gobierno no nos  
debe dar. En el mundo de hoy, el  
que a la vez que el mundo de hoy.  
No basta con que uno haya que sea un  
hombre que, en el mundo de hoy, sea un  
descubridor de cosas buenas y malas.

# bibRIA

Loso film obelisk  
e-entendido

Retenido de Hilbert

# AOS LEITORES

Assim como a agua da quebrada, atravez das urzes que o tempo deposita nas elevações da cascata; como a lymphá da ribanceira, beijada a miudo pela planta que lhe guarnece a margem; como a branda corrente do pequenino arroio, serpeando por entre prados de viçosos malmequeres, vão no seu doce curso, magamente lançando ás azas da viração os seus suaves murmurios; assim os meus humildes versos, atravez do pensamento que os inspirou e bafejados pelo sopro do desejo, vão confiar os seus *murmurios* aos vãos da publicidade.

Que a brisa os beije com a doçura das tardes de verão, e que aos *murmurios* d'uma alma desprentenciosa, se não junctem os da critica malevola e apaixonada.

O AUCTOR.



# À VIRGEM

A Ti oh! MÃE de DEUS, a Ti que és MÃE  
Dos filhos do peccado,  
Eu recorro na hora em que confio,  
A' luz os meus *murmurios*.

Se a brisa os não beijar menos ditosos  
Serão? oh! não. Espera  
No Patrocinio TEU o pobre poeta,  
Se tal nome merece.

# bibRIA

Os nomes de meus Paes gravados levam  
Nas paginas primeiras.  
Dediquei-os a elles. N'este mundo,  
Só a elles eu tenho.

Protegidos vão por Ti. Só os confio  
De Ti oh! MÃE de DEUS.  
Sê-lh' amparo divino, a elles pobres  
Filhos da *minha* alma.

1.º de janeiro de 1875.

A VIREM

A Ti qui n'as de l'air, a Ti que es l'air  
des illas de peccado,  
Es recorde de l'air em que confio,  
A l'air os meus pensamentos.

Se a l'air os não deixar meus illosos  
santos, ou não, fassera  
No paraiso l'air o pobre poeta,  
se l'air nome mereca.

# bibRIA

Os nomes de l'air l'air de l'air  
l'air l'air l'air l'air l'air  
l'air l'air l'air l'air l'air  
l'air l'air l'air l'air l'air

Protegidos no por l'air os meus  
le Ti qui n'as de l'air,  
se l'air capar-divino, a l'air l'air  
l'air de minha vida.

1. de janeiro de 1978

DEUS

# bibRIA

A MEUS ESTREMECIDOS PAES

E' de noite. A lua brilha a mêdo  
No azul dos Ceus.  
O coração tranquillo e lêdo  
Sobe até Deus.  
Tudo é paz... silencio... socego...  
Dorme a natura...  
A agua corrente do Mondego  
Suave murmura.

A fresca brisa da primavera  
Bafeja a violeta...  
D'aromas é cheia a athmosphera  
Descanta o poeta:

No espaçoso anil da immensidade,  
Na estrella brilhante que fulgura,  
Na pallida rainha da saudade,  
No sereno regato que murmura...

Na aragem ligeira que prepassa,  
No arbusto inclinado sobre o rio,  
Na terna trepadeira que o enlaça,  
Da virente folhagem no cicio...

Do mar alto na vaga encapellada,  
No medonho rugir da tempestade,  
No mover da aldeia socegada,  
No bulicio ingente da cidade...

Na onda que se espraia perguiçosa,  
Do extenso Oceano na grandeza,  
Do povinho da capella tão formosa,  
Eu vejo o AUCTOR da Natureza.

Em tudo eu vejo estampado  
O SANTO NOME TEU...  
A Natureza solta em seu brado  
DEUS, GRANDEZA, CEU!

bibRIA

5 de fevereiro de 1874.

# bibRIA

A terra era escura, no manto desolado  
Da mais fatal e horrivel e densa escuridão.  
Ergia-se sobre esse um astro luminoso  
Q'esperanças e ven. com lucido clarão.

Do mister abismo da noite a luz  
Rompeu-se e a vida surgiu.  
Q' despois não cessou a luz do mundo vem  
Basta a liberdade a desceida hora.

A luz da vida  
O mundo era  
A humanidade  
Tudo se uniu  
em um só povo.

A humanidade  
Das luzes e sombras  
A humanidade  
Alumando, então, dos horrores e do luto.

O mundo era caçado. A pobre humanidade  
Gemia em vão, ha muito, c'o pulso arrocheado.  
O pobre era um escravo do grande e da vaidade  
E ambos esmagavam o triste esfomeado.

A terra era envolvida, no manto desditoso .  
Da mais fatal e horrivel e densa escuridão.  
Urgia que appar'cesse um astro luminoso  
Q'esdaçasse o veu, com lucido clarão.

Do misero albergue da choça de Bethlem  
Rompera o sol brilhante—raicara a tr'ida aurora.  
O despotismo cessa. A luz ao mundo vem...  
Batia a flecidade a desejada hora.

A mais pesada algema vacilla espedaçada...  
O grande é como pobre... irrompe a igualdade  
O *nobre* é derribado... a *plebe* é levantada...  
Tornou-se alfim irmã a pobre humanidade.

A 'STRELLA RUTILLANTE, O FILHO do albergue  
Das tenebrosas sombras rompera o véu escuro.  
A humanidade exulta... a liberdade s'ergue,  
Allumiando, então, dos homens o futuro.

O throno dos Herodes baqueia e cabe por fim...  
A turba corre alegre á choça de Bethlem  
A saudar O IMMENSO, testemunhando assim  
Que o despotismo cessa e a luz ao mundo vem

Num dia de tanta festa,  
Suba a festa ao coração.  
Entõem hymnos festivos  
As aves c'o a viração.

Exulte do campo a relva.  
Exulte do prado a flôr.  
Entõem-se hymnos festivos  
Todos de paz e d'amôr.

Verdes louros, brancas rosas  
Sobre o solo desfolbemos;  
De festões entretecidos  
Nossos templos tapetemos.

De grinaldas aureolemos  
A fronte a NOSSA SENHORA.  
Saudae, astros, ESSA ESTRELLA  
Saudae a doirada AURORA.

Mas quando romper a alva  
Que o dia d'então descobre,  
Vêde, ricos, quem tem fome,  
Fitae-os olhos no pobre.

O negro pão 'neste dia  
Ao triste pobre consola,  
Dai-lhe, ricos, alegria  
Oh! ricos, dae lhe uma esmolla.

25 de dezembro de 1874.

bibRIA

— 22 —

— 1 —

O sol já não tem luz e as estrelas  
As estrelas já não brilham  
A igreja chora e a terra  
A terra não responde

**CONSUMMATUM EST!**

O branco manto da igreja  
E a morte sobre a terra

# bibRIA

Trémula se abre a terra. O sol descora,  
A igreja chora, que morreu JESUS.

T. RIBEIRO

O sol já não tem luz e as estrelas  
As estrelas já não brilham  
A igreja chora e a terra  
A terra não responde

A athmosphera é densa. As nuvens velam  
Os cerros escalvados;  
Cercadas de soidão as aves gemem  
Seus hymnos destoados.

O Ceu já não tem luz; a lua brilho;  
As estrellas fulgôr;  
A purpura celeste é debotada,  
Já não rescende amôr.

A viração é triste; as flores murchas;  
O campo desecado;  
O branco malmequer empallidece,  
E morre sobre o prado.

O sombrio cypreste é já por terra,  
Já não respira vida!  
A ovelha, ballando, vai correndo,  
Do rebanho perdida.

O adusto carvalho curva a frente,  
Altiva e enrugada,  
Ao pezo da desgraça. A terra se abre  
Em fendas, abalada.

As aguas já não correm. Seu crystal  
Gelou-se com a morte.  
Tudo vacilla e cahe. Oh! quem presente  
Dos humanos a sorte!

Tudo assim corre e vae e se aproxima  
Do sepulchral abysmo!  
E a humanidade inteira sem prever  
O grande cataclysmo!

Morreu O SANTO JUSTO. JESUS CHRISTO  
Finou-se em desalento.  
Compriu-se a profecia. O crente chora,  
'Neste fatal momento !

Erguida no Calvario, alem, pranteia  
A desolada cruz!  
Tambem as urzes lacrimozas choram  
A morte de JESUS.

Da santa pia do pranto,  
Judeia, vae ao baptismo;  
Cerra assim o immenso abysmo,  
Aberto por tua mão.  
Chora; chora as culpas tuas,  
Filhas do teu coração;  
Esmaga as virentes rosas,  
Que te aureolavam formosas,  
A fronte, ingrata Sião.

E tu, que foste o assassino  
Da SANTA CHOROSA MÃE,  
Pra teia, Jerusalem,  
A morte do SALVADÔR.  
Roja a tua fronte maldita  
Sobre os espinhos da flôr.  
Verte o pranto da amargura,  
Que o calix da desventura  
Bebeu-o o AUCTOR da natura,  
Onde se finou de dôr.

E' comprida a profecia  
Nas contorsões da agonia,  
Morre o JUSTO, CRISTO, o SANTO!  
Humanos! traje de lucto  
Vosso coração corrupto  
Batise-o da dor o pranto.

3 d'abril de 1874.

## O ANJO DA POESIA

bibRIA

A' CIDADE D'AVEIRO

Era de noite e a lua  
Em luzes desmaiadas  
Bordava as prateadas  
Aguas do Vouga. Ao sul  
Vogava errante, solto  
Um barco lindo envolto  
Num manto todo azul.

As aguas mansamente  
Dois remos separavam.  
Depois, só murmuravam  
Um beijo sem rumor.

A barca não parava . . . .  
Ao leme ia sentado  
Um anjo; a lyra ao lado  
Nas cordas d'esta, o amor.

Soltava harpejos divinos  
D'uma divina harmonia:  
Eram cantos myst'riozos  
Os do Anjo da poesia.

Nas doces azas da brisa  
Suas trovas depunha a lyra;  
Velava o ceu transparente  
Um veu d'esmalte e saphira.

Nesse manto azul ceruleo  
D'estrellas d'oiro bordado,  
Pallida a lua campêa  
Sobre esse anjo immaculado.

Loiros cabellos cahidos  
Sobre o collo d'allabastro,  
O Anjo volvia os olhos  
Olhos brilhantes, qual astro.

Vibrava as cordas da harpa  
Com etherea melodia:  
Enlevava a alma em hymnos  
De myst'riosa harmonia

« Eu sou, diz ella, o Archanjo  
« Que venho sorrir-te, poeta,  
« Como a brisa em mez de maio  
« A' solitaria violeta.

« Meus cantos só d'harmonia  
« São as celestes canções  
« Qu' entôam anjos divinos  
« Néssas ediaes mansões.

« Quando nas horas sombrias  
« Da mais amarga soidão,  
« Eu venho trazer-te, poeta,  
« A ventura ao coração.

« Venho dar-te meigos prantos,  
« Quando pranto quer a alma.  
« Venho, nas horas revoltas  
« Trazer-te a mais doce calma.

« Aqui, aqui, a poesia,  
« Inspira-a a natureza,  
« Onde as aguas são de prata,  
« 'Nesta segunda Veneza.

« 'Nesta terra pequenina,  
« Toda de gallas e flôres,  
« E' grato tirar da harpa  
« Saudosas canções d'amôres.

« Aqui, aqui, sobre as lymphas,  
« Que deslisam socegadas  
« Apraz-me vibrar da lyra  
« Cordas 'inda não vibradas.

E um rapido sussurro  
Após isto succedeu...  
Reparei então na barca,  
Mas a barca s'escondeu.

Volvido um dia eu voltava  
Ao logar onde eu a vira,  
Mas nem a barca appar'cia,  
E nem já se ouvia a lyra.

Parei, depois. Fictei aguas puras  
Do meu patrio Vouga. Contemplei  
O ceo, a lua, o firmamento e...alfim,  
Senti no peito, um vacuo...nem eu sei.

Amava aquellas horas. O silencio  
Era o meu goso o meu prazer ethereo.  
Sentia... inspiração?...não sei...affecto?  
Ignoro. Amor? Quem sabe? E' um mysterio.

24 de Maio de 1874.

... e não um rápido susurro  
... e não um rápido susurro  
... e não um rápido susurro  
... e não um rápido susurro

Volvido em vãs envolvas  
Ao longe onde eu a vi,  
Mas nem a parte appareta  
E nem já se ouvia a voz

# bibRIA

... e não um rápido susurro  
... e não um rápido susurro  
... e não um rápido susurro  
... e não um rápido susurro

Amava aquellas horas de silencio  
Eis o meu caso o meu prazer e o meu  
Sentia... e não sei... alicor  
ignora. Amor? Quem sabe? E um mysterio

— 32 —

A rosa aliva, das formosas e raras  
Faz no valado em que a Natureza a deu  
Contente lápis a verdadeira relva  
H'c esse patha um colto fo tendou

14 DE DEZEMBRO

A violeta  
Sem ter um pelo em que dehou as dores  
Tambem soleta em doces ses a phrase,  
Que traduzia, diz — seu wera d'ourel —

Assim  
Cois  
Seu migo

NO DIA DO 50º ANIVERSARIO NATALICIO  
DE MINHA ESTREMOSA MÃE

Tambem o patha a tua festa d'ourel,  
Assim  
Cois  
Seu migo

Aos risos da aurora,  
Da brisa ao ciclar,  
As hymnos, que entou  
Te vem as flores do Cas,  
Beque mais um canto,  
— d'ourel —  
— d'ourel —

Desponta em risos deslumbrante aurora,  
Prepassa a brisa a ciclar além,  
As avesinhas a cantar suas tróvas  
Erguem-te um hymno, e d'elle um parabem. 11

A rosa altiva, que formosa s'ergue  
Lá no vallado em que a Natura a deu  
Contente beija a veridente relva  
E c'o esse beijo um culto te rendeu.

A violeta, que solitaria vive  
Sem ter um peito em que deponha as dores  
Tambem soletra em doces aes a phrase,  
Que, traduzida, diz — *sois meus amores!* —

Assim, seus hymnos levantando o lyrio,  
Cujo viver é solitario e triste  
Seu meigo callix entreabrindo falla:  
*Tambem o lyrio á tua festa assiste.*

Aos risos da aurora,  
Da brisa ao ciciar,  
Aos hymnos, que entoar  
Te vem as flores do Ceu,  
Reune mais um canto,  
Um canto d'alegria  
— Offerta n'este dia  
Do pobre filho teu.

18 DE JANEIRO

# bibRIA

A MEU EXTREMOZO PAE

Passou-se mais um anno. Já dez lustros  
Volveram apressados  
Sobre a tua fronte veneranda  
Oh! carinhoso Pae,  
Semeando-te alguns fios de prata  
Por entre os teus cabellos.

A vida corre assim. E' como a rosa.  
    Altiva sobre o prado,  
Mostra os encantos seus na primavera.  
    No estio desa'brocha.  
No outomno pende e dobra; alfim . . . desmaia.  
    No inverno marcha e cahe.

A vida corre assim. Todos humanos,  
    Vivemos igualmente.  
Se aqui a dita sopra, além sibila  
    A tempestade atroz,  
Levando c'o tufão a derradeira  
    Esp'rança d'esta vida.

Se alguem vive contente, a alma um dia  
    Pezares sentirá.  
A vida é p'ra sofrer. Gozar, no mundo,  
    Onde existir o ETERNO.  
'Neste passar continuo de desditas,  
    Só o bem dá prazer.

A vida tem espinhos semeados  
    Entre doiradas flores.  
Se aqui longo matiz é perfumado  
    Pelo suave aroma,  
Ali se ergue o abrolho, que esvanece  
    A rapida ventura.

Tu já viste, meu Pae, quando a brisa  
    Além . . . no Céu d'anil,  
Impelle a nuvensinha, que dessipa,  
    E foge esvaecida?  
Assim cá 'nesta vida se desfaz  
    A mais doce ventura.

E tu, que tens vivido allumiado  
    Do bem pelo pharol,  
Melhor que o filho teu sabes que a dita  
    Provém— e só d'ahi,  
Do repouso da alma, que deriva  
    Da paz da consciencia.

Quem pôde, á luz do Sol viver ditoso,  
    Sem que o anime a esp'rança  
De que o ETERNO DEUS—na vida inf'nita,  
    Aos pés do throno SEU  
Deixará sua alma entregue á chamma  
    Da paz do SEU amor ?

E tu, meu Pae, que tens passado a vida  
    Entre abrolhos e flores,  
Abrolhos da existencia—flores regadas  
    P'lo bem da consciencia  
Melhor que o filho teu sabes que a dita  
    E' só do coração.

São tristes estes versos. A tristeza,  
N'um dia tão festivo,  
Devia ser expulsa. Mas a vida  
E' um vallado pleno  
De lagrimas e pranto. A paz da alma  
E' o verdadeiro goso.

Quando campeia a lua e brilha a 'strella  
No lindo firmamento,  
Quando a solidão reina em minh'alma  
E eu fallo ao CREA DÔR,  
Eu rogo a DEUS do Ceu que te prolongue  
Os dias da existencia.

Já ouviste ballar o cordeirinho  
Ao romper d'alvorada ?  
Já ouviste a rollinha em seus gorgeios  
Cantar pela manhã ?  
Tu já viste sorrir ao Ceu o calix  
Da meiga violeta ?

Assim o filho teu em orações,  
Fallando a DEUS do Ceu,  
LHE roga instantemente pela vida  
Do extremoso Pae,  
Que sempre carinhoso e sempre franco,  
O estreita em seus braços.

Acceita qu'rido Pae os pobres versos  
Do filho que te ama.  
E crê que se o ETERNO alguma c'roa  
De gloria lbe destina  
A teus pés vem depol-a é c'o ella a prova  
Do muito que te adora.

18 de janeiro de 1875.

bibRIA



# A VOZ DO GUERREIRO

A MEU RESPEITAVEL E VIRTUOSO PADRINHO

O EX.<sup>mo</sup> SR. CONSELHEIRO

ANTONIO ROBERTO D' OLIVEIRA LOPES BRANCO.

Sou portuguez! o meu nome  
Deu-m'o a patria—Portugal!  
Deante d'ellê um renome  
Estrangeiro mais não val'!  
Este nome foi a espada,  
Em cem batalhas c'roda,  
Em sangue mouro banhada,  
Que o tornou immortal.

Mais tarde quando Castella  
Nos lançou duros grilhões  
A velha espada, foi ella  
Que lhe calcou os leões.  
Foi ella a espada dos bravos,  
Que libertou os escravos,  
Que lhes vingou os agravos,  
Que lhes quebrou as prisões.

Mas na guerra fratricida  
Ao ver as luctas, bramiu;  
Vi-a a um canto abatida...  
Corou de raiva e rugiu.  
Não é nas luctas malditas  
Nessas luctas infinitas  
Pela ambição só prescriptas  
Que espada nobre serviu.

Portugal! Ergue teu brado,  
Responde ao filho teu...  
Que é d'esse manto estrellado  
Que a victoria te deu?  
Que é da tua antiga gloria,  
Que nos aponta a historia?  
Dos teus feitos a memoria  
Cobriu-a já negro veu?

Portugal ! os teus tropheus  
Que é das quinas o pendão ?  
Que é d'essa fé no teu Deus ?  
A crença no coração ?...  
Que é do teu sceptro doirado ?  
O teu 'standarte azulado ?  
O teu brio de soldado ?  
Tua honra de nação ?

Portugal ! Oh ! patria q'rida !  
A'vante ! cobra valor.  
Levanta a fronte abatida  
Diz ao mundo «sou senhor !»  
Nos teus filhos 'inda ha peitos  
Que recordando os teus feitos  
Conquistarão teus direitos  
—O teu antigo esplendor.

Portugal ! eu sou teu filho,  
Filho sincero e leal.  
D'antigos avós o trilha  
Hei de seguir sem rival.  
Tu levaste outr'ora ao Ganges  
O teu nome. E c'os alfanges  
Das inimigas phalanges  
Fizeste erguer o arraial...

Recuar a Mauritânia...  
Fugir Castella a tremer...  
Respeitar a Luzitania...  
E mais pudeste fazer.  
Eu, tão pequeno, embora,  
Farei raiar uma aurora  
De paz e amor, e a hora  
Da liberdade bater.

17 de março de 1874.

bibRIA

## AVE LIBERDADE

# bibRIA

Had we never loved so kindly,  
Had we never loved so blindly,  
Never met or never parted,  
We had ne'er been brok en-hearted.

BUR NS.

Ha no mundo uma luz brilhante e clara,  
Divina essencia,  
Que allumia com seu lueido facho  
A luz da sciencia.

Tem um fogo ardente que incendeia  
As nobres almas.  
E' um fogo sublime, aura que sopra,  
Nos vendavaes e calmas.

Luz que surge nas trevas da ignorancia  
Que as rasga a meio,  
E' dos povos o aureo diadema  
O seu esteio.

Beis, escravos ante ella hão curvado  
Humildes a cervir  
E' só ella do povo a f'cidade,  
Só ella o faz feliz.

Astro que reluz no horizonte inf'nito  
Do bem eterno!  
Luseiro cuja luz s'espalha a jôrros!  
Bem sempiterno!

Seu sol brilhante aclara o puro Céu  
Da f' licidade.  
E esse sol brilhante, essa luz d'oiro  
E's tu, Liberdade.

## O ORPHÃO

# bibRIA

A MEU PREZADO THIO O SR. JOSÉ EDUARDO

D'ALMEIDA VILHENA.

- « Ai! quanto é doce o murmurar da fonte
- « Por entre o monte serpeando além!
- « Formosa a ave que cortando o espaço
- « Vae' num abraço estreitar-se á mãe!

- « Como é formoso o sol que além da serra
- « Aquece a terra com os raios seus!
- « Como deslumbra a seductora estrella!
- « Oh! como é bella a amplidão dos Ceus!

- « Quão meiga a aragem que prepassa leda!
- « Oh! como é queda a linda planta ali
- « Oh; como a agua prateada é lisa,
- « E como a brisa á debil flôr sorri!

- « Com que alegria a borboleta branca
- « A sede estanca no calix da flôr!
- « Triste e sósinha a rôxa violeta
- « Alegre o poeta, a harpa, o trovadôr.

- « Todos contentes! Oh! sorri-lhe a sorte.
- « P'ra mim a morte embalde rogo ao Céu.
- « Aquelles sim, aquelles são felizes,
- « Nós tão inflizes — a violeta e eu!

- « Tambem ditoso lyrio branco eu era.
- « E a primavera foi p'ra mim fatal!
- « O vento infrene balouçou-me a haste
- « E começaste, horrivel vendaval!

« A mãe morreu-me tinha eu um anno  
« Fado tyranno que a ventura esvae !  
« Quasi sósinho, pobre, em dia ameno,  
« Era eu pequeno e morreu meu pae.

« Abandonado, triste, só, sombrio  
« Ahi vou baldio caminhando á morte  
« A immensidade percorrendo os olhos,  
« Só vejo abrolhos, mau porvir, má sorte.

« A mão estendo aos homens que me veem  
« E elles creem, mas nada me dão !  
« Além, nas serras, bem distante... além  
« Sem pae nem mãe morrer... ah! coração!»

E com effeito além, depois... na serra  
Era por terra, morto e já sem luz;  
Seu corpo fraco arrumado á relva  
Aos pés a selva, á cabeceira a cruz!

30 de março de 1874.

# bibRIA

# FOME E CARIDADE

OS PESCADORES D'AVEIRO

# bibRIA

A MINHA ESTIMADA PRIMA

A EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. MARIA JOSÉ D'ALMEIDA AZEVEDO.

Qual de vós, oh! famintos! á voz santa

Da santa caridade

Não ergue ao Céu os olhos macerados

Por misera orphandade?

Quando vogaes incertos n'essas ondas,  
Intrepidos, ousados,  
E buscaes, trabalhando, o pão do dia  
P'ros filhos desgraçados;

Quando as gottas, celestes, crystallinas  
Qual matinal orvalho  
Te aljof'ram a fronte encanecida  
Por arduo trabalho;

Quando a vaga, rugindo estrepitosa  
Alem, encapellada,  
Balança no seu dorso a tua barca,  
Que foge desleixada;

Quando timida corre o Oceano  
Galgando vaga e vaga,  
E eu vejo que ousado até no p'rigo  
Tu vertes pratea baga;

Quando brame a tormenta e rugo fero  
O vento, além do sul;  
E eu te vejo, sulcando a onda ingente  
Sorrir ao pégo azul;

Quando em terra, vergado sob o pezo  
De corda colossal,  
Tu repassas de gottas crystallinas  
Esse immenso areal;

Quando, tepida a aragem te oscula  
A fronte ennegrecida  
Da fome, do frio e do passar  
De miseravel vida;

Quando c'o as mãos callosas sempre, sempre  
Impelles duro remo;  
Então, oh! pescador, audaz, ousado  
Por tua sorte eu tremo.

E quando, desgraçado, ao voltar triste  
Ao lar, misero, pobre,  
Sem pão, sem meios, todo fome e frio,  
Ouves, qual triste dobre,

Um filho pequeninino, nũ, faminto,  
Que a alma te consome  
Dizer-te, pranteando:— «Pae, meu Pae  
Dae-me pão; tenho fome.»

Do lado, outra creança macillenta,  
Pallida, macerada,  
Pedir-te uma fatia de pão negro,  
Rotinha . . . esfomeada . . .

Quando vês encostada a cara espoza  
A' umbreira da porta  
Esperando por ti, myrrada e rota,  
De fome quasi morta;

E vês rojar-te aos pés um filho q'rido  
Vertendo amargo pranto  
Elle, o pobre, o triste, o miseravel  
Que é todo o teu encanto.

Quando vês núa a arca sem pãosinho;  
Apagada a lareira,  
Sem comer, os filhos estendidos  
Em repizada esteira;

A tua alma de pae, d'espozo o peito  
Oh ! não se despedaça  
Volvendo o frouxo olhar p'ra onde os prosta  
A mais cruel desgraça ?

Não se quebram as fibras de tua alma  
Com tão agudas dôres?  
Oh ! sim, de certo ! és pai e és esposo  
—N'um peito dois amores.

.....  
.....  
.....  
.....

Mas, miseros, olhae, que após a fome  
A dôr se vos consola  
DEUS vos manda á lareira o Anjo Santo  
Levar uma esmolla.

E esse Anjo que o ETERNO envia ao mundo  
A consolar o homem,  
Ensina-lhe a soffrer as desventuras  
Que a alma lhe consomem.

S'engolphado no vicio o pobre gasta  
Aquillo que não tem  
O Anjo da ventura, foge, foge  
E nunca, nunca vem.

S'embebido na orgia, o triste perde  
A honra, desgraçado!  
Ai misero mortal, ai de ti pobre!  
Morreste envenenado!

.....  
.....  
.....  
.....

Trabalha, pobre, e crê que DEUS é Justo  
— Sê honrado e trabalha.  
Que o Anjo do SENHOR t'enchuga o pranto  
Que a alma te orvalha.

Esse Anjo que do ETERNO a Mão impelle  
A's vossas afflicções,  
E' Anjo immaculado—a caridade  
Aos vossos corações.

Qual de vós, oh! famintos! á voz santa  
Da santa caridade  
Não sente bem feliz a alma, triste  
Em misera orphandade?

Orphandade cruel que vos devora  
O peito enfraquecido  
Pela fome da esposa e fome e frio  
Do filho estremecido.

Qual de vós, oh! não sente alegre a alma  
Até então doente  
De magoas e de dores e o agradece  
A' Mão do OMNIPOTENTE!

Oh! nenhum, meus irmãos, ante esse Archanjo  
Após sofrer acerbo  
Deixa cerrar seus lábios sem soltar  
Agradecido verbo.

Depois de esgotada a taça amarga  
De fel e desventura,  
Manda o ETERNO ao virtuoso pobre  
A mais santa ventura.

Que inveja o pobre quando o filho, triste  
Lhe pede negro pão?  
Mitigar-lhe essa fome e contemplar  
Feliz seu coração.

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

DEUS que é Justo, que é Bom, Santo em extremo  
Do Céu ao pobre envia  
Da caridade o Anjo que trazer-lhe  
Vem a alegria.

Sêde vós todos justos, bons e honrados,  
Que DEUS ouve dos Céus  
As supplicas dos pobres que se guiam  
Pelos preceitos Seus

Da Providencia as azas sempre abertas  
Acolh'o rico e o pobre  
Que p'ra DEUS só o justo e virtuoso  
E' verdadeiro nobre.

Costa de S. Jacintho 15 de setembro de 1874.

## O NAUTA PORTUGUEZ

A MEU HONRADO E QUERIDO PRECEPTOR O SR.

ANTÓNIO MARIA DOS SANTOS FREIRE.

Que es mi barco mi tesoro,  
Que es mi Dios la libertad  
Mi ley a fuerza e el viento  
Mi unica patria la mar.

J. DE ESPRONCEDA.

E' de noute! O vento geme  
E eu no meio do mar;  
'Stou perdido se o leme  
Fraco a onda vem quebrar.

A chuva bate no rosto,  
Além...ribomba o trovão,  
Eis-me firme no meu posto  
Leme seguro na mão.

Mas se o raio despedaça  
Qualquer dos mastros, oh! Céus?!...  
Embora! Venha a desgraça  
Invocarei o meu Deus.

Mas qu'importa? a tempestade  
Que vá quebrar meu baixel...  
Que me atire sem piedade  
D'encontro a esse parcel!

Embora! Essa desgraça  
D'envolta com crua guerra  
Desconhecem minha raça!  
Portugal é minha terra!

Portuguez! Isto é bastante  
Para aterrar essas vagas...  
Para fazer que 'num 'stante  
Mansas vão beijar as plagas.

Portuguez ! O Oceano  
Treme ao ouvir fallar n'elle.  
Desvenda lá esse arcano...  
Diz-lhe lá que s'encapelle...

Embora! Nada me aterra  
Seguirei a negra sorte!  
Embora não veja terra.  
Embora! Que venha a morte.

Sim! Sim! A morte que venha,  
Em mim acha um portuguez!  
Rio-me se me despenha  
Da pôpa para o convêz.

18 de março de 1874.

Portuguez e O Oceano  
Terna so ouvir fallar n'elle  
Desceudo li esse arcano  
Dis-lhe la das s'engalhe

Embora Nada me aterra  
Seguir a negra sorte  
Embora não veja terra  
Embora que venda a morte

# bibRIA

Em um tempo de guerra  
Rio-me se me despenha  
Da boca para o convés

18 de março de 1811  
Da ilha de Santa Helena

Portuguez e O Oceano  
Terna so ouvir fallar n'elle  
Desceudo li esse arcano  
Dis-lhe la das s'engalhe

## O POBRE

# bibLIA

A MINHA PREZADA IRMÃ

MARIA JOSÉ VILHENA D'ALMEIDA MAIA.

E' noite sombria do mez de janeiro;  
O vento em rajadas sibila do sul;  
A chuva em torrentes se espalha na terra,  
As nuvens empanam do Céu o azul.

Do rico nas salas esplendidas festas... .  
Do pobre na choça miseria e mais nada....  
Aquelle cercado de galas e luxo,  
E este, coitado! ao frio, á geadá.

Um velho, sòsinho, de forças exausto,  
Lá vae caminhando apoiado ao bordão;  
Quem é que se atreve ao bem contempl-o  
Negar-lhe a esmolla, dizer-lhe que—*não*!

E o pobre chorando a sua desgraça  
Vae; sóbe a montanha que fica fronteira;  
Caminha myrrado e hyrto com frio.....  
Tremendo, tremendo, lá vence a barreira.

Chegado ao cimo da grande montanha,  
Em misera choça curvado entrou;  
Encara aterrado c'o a q'rida consorte,  
E 'nella afflictivo seus olhos fitou.

- « Mulher corajosa, esposa adorada,
- « Morramos unidos que comer não temos.
- « Vamos satisfeitos, não temos peccados,
- « Ninguem maltractámos, ninguem offendemos.

- « De porta em porta, na patria cidade
- « De pejo coberto a todos pedia;
- « O rico, maldicto! «trabalha, não peças
- « Trabalha, trabalha», sem alma dizia.

- « Ao rico não lembram do pobre as desgraças.
- « P'ro pobre, coitado, não ha caridade;
- « O pobre maltractam, nas faces lhe cospem
- « O *não* que costumam dizer sem piedade!

- « O pobre curvado caminha pedindo
- « A esmolla que outrem, cruel, lhe negou:
- « Córadas as faces de pejo e vergonha,
- « Os olhos maguados p'ra terra baixou.

Dos olhos pisados da pobre entrevada  
Uma unica lagrima apenas correu,  
E ao velho que estava chorando e por terra,  
Firme, resoluta, assim respondeu:

- « Ai pobre não chores, coragem, coragem,
- « Que lá n'outra vida repouso teremos,
- « E p'ra nos vingarmos dos ricos sem alma
- « Por elles, perdidos, então oraremos.

- « Oh! juncta ás minhas as supplicas tuas;
- « Pros peccados nossos peçamos perdão,
- « Oh! ... chega o momento ... partamos unidos...
- « Morremos ... á fome ... á mingua de pão!

E o velho fitando os olhos na esposa.  
Ao ver que morrera a chara consorte,  
Solta um gemido agudo e horrendo,  
E 'nessa agonia a DEUS pede a morte.

- « Ouviste os meus rogos, meu DEUS, meu SENHOR
- « A morte já chega... o mundo abandono....
- « Deixa-e que ao mundo dos justos pertença....
- « Deixa-me que viva aos pés do Teu throno.»

E o corpo myrrado do pobre mendigo,  
Baqueia exaurido da choça no chão,  
E a festa brilhante na casa do rico,  
E aquelle morrendo á mingua de pão.

# PORTUGAL

AO VELHO E HONRADO AMIGO DE MEU PAE  
O ILL.<sup>mo</sup> SR. JOSÉ FERREIRA CORREIA DE SOUZA,  
TYPO VENERANDO DE NOBRE, SINGULAR  
E DESINTERESSADA DEDICAÇÃO.

Di sua mano nel libro de fati  
Ei segnava la pace e la guerra:  
Qué tiranni che opprimou la terra  
Stavan tutti tremaute al su pié.

G. ROSSETTI.

Portugal! Portugal! 'inda os echos  
D'este nome guerreiro lá sòam!  
Portugal! Portugal! mas perdidas,  
Tuas glorias antigas lá voam.

Que destino, cruel te arrebatá  
Essa c'roa, que é tua, só tua!  
Quem os louros das tuas victorias  
Despedaça ao clarão d'essa lua!

Quem roubar-te teu sceptro de Heroe?  
Quem prostrar-te por terra ousou?  
Foi o sopro gigante da morte  
Que c'o a vida tua gloria arrancou?

Quem quebrado ha teu throno d'heroismo  
Quem tuas armas de guerra cuspiu?  
Quem a lança d'ousado guerreiro,  
Sobre o joelho, oh! patria, partiu?

Os teus mares, vassallos d'outr'ora?  
As tuas quilhas, senhoras d'então?  
Portugal! que fizeste, á tua honra?  
De nobreza que é d'elle, o pendão?

'Inda correm nas azas dos ventos  
Echos tristes que a morte apregôam!  
E' teu nome que foje esmagado  
São tuas glorias perdidas que voam?

« Filho, oh! meu filho, calla,  
« Calla a dôr no coração.  
« E' justo que morra um velho,  
« De vergonha? oh! isso não!

« Se os echos do meu renome,  
« Voam nas azas do vento,  
« E' certo que pouco dura,  
« Tão infernal desatento.

« Foram nas eras passadas,  
« Meus filhos homens de fê  
« Onde passavam, venciam,  
« Era meu nome de pé.

« Triumpham dos Oceanos,  
« Meu nome levam ao Ganges,  
« Recuam mundos á frente  
« Dos portuguezes alfanges.

« Gemem vergados os mares,  
« Sob as quilhas lusitanas;  
« Fazem mais do que o que podem  
« Fazer as forças humanas.

- « Onde os lusos levantassem
- « O seu pendão, que era a luz,
- « Era a victoria sò d'elles,
- « Era a victoria da Cruz.

- « Tive uma espada valente,
- « Era uma espada guerreira;
- « A' voz de—*àvante!*—vencia,
- « Nas luctas era a primeira.

- « Foi a espada que em Ourique
- « Ceifou louros de victoria;
- « Foi a espada que em Castella,
- « Me encheu o peito de gloria.

- « Tive um throno grandioso,
- « Era rei, era senhor!
- « Mas meus filhos, os d'agora,
- « Deram-me a aureola da dor.

- « Minha fronte assaz curvada,
- « Ao peso de tantas maguas,
- « Pende e dobra ao pé d'um rio
- « D'onde correm tristes aguas.

« São as aguas que vergaram,  
« Ao peso dos meus navios,  
« Sejam ellas testemunhas,  
« Testemunhas dos meus brios.

« Quando os pulsos portuguezes,  
« Gemeram sob grilhões,  
« Foi minha espada guerreira,  
« Despedaçar-lhe as prisões.

« Esses mares que vasallos,  
« Foram nas eras d'outr'ora,  
« Essas quilhas poderosas,  
« Já não são minhas agora!

« Fugiu-me a gloria. A ventura,  
« Com ella fugiu tambem  
« Após tantos infortunios  
« A queda e a morte vem.

« Meus filhos, esses d'agora,  
« Roubaram-me a liberdade,  
« C'o sopro da desventura,  
« Levaram-me a felicidade.

- « Qu'importa? Eu morro! Quem sabe
- « Quem sabe se em breve? Oh! não!
- « 'Inda creio que em meus filhos,
- « Acho um leal coração.

- « Ainda é tempo. Se aquelles,
- « Que sabem ser portuguezes,
- « Prezam meu nome, não temo
- « Da crua sorte os revezes.

- « Filhos d'Affonso Henriques!
- « Quem pode a patria esquecer?
- « Quem pôde á mingua d'apoio,
- « Portugal deixar morrer?

- « Quem pode? Filhos, as glórias,
- « De vossos antepassados,
- « Não são os echos perdidos,
- « Nas encostas dos vallados.

- « A's campinas de Ourique,
- « Não foi de balde uma espada,
- « Traçar as raias do povo
- « D'uma nação libertada.

- « Em seiscentos e quarenta,
- « Não foram de balde os bravos,
- « Espedaçar elo a elo,
- « As algemas dos escravos.

- « Não foram não. Portuguezes !
- « E' tempo, bradae—*á*vante !
- « Que os braços d'heroes a patria
- « De tal vergonha o levante.

- « Não diga o mundo que os lusos,
- « N'uma inercia patricida,
- « Ignobilmente ceifaram
- « Ceifaram da patria a vida.

- « Que não se diga lá fóra,
- « Que Portugal, deshonrado,
- « Deixou cuspir de vergonha
- « O seu arnez de soldado.

- « Se n'esses peitos, que devem
- « Ter a antiga valentia,
- « Falta a coragem que tinham
- « Os meus filhos d'outro dia,

« Ide ás campas. Sobre as lousas,  
« Que cobrem braços valentes,  
« Pedi aos heroes o ardor  
« De suas luctas ingentès.

« E se a vergonha callar,  
« Os seus peitos valorosos,  
« Quebrae, covardes, as lanças  
« Sobre as campas dos briosos.

« Mas nunca tal! Portuguezes!  
« 'Inda é tempo! Vede! Avante!  
« Que o braço d'heroes a patria  
« De tal vergonha levante.»

Portuguezes! A voz que nos falla,  
E' do velho leal portuguez.  
E' d'aquelle que, avante, nas luctas,  
Não deixou de o ser uma vez.

E aos brados da patria que chama,  
De seus filhos o braço gigante,  
Quem, covarde, da lucta s'esconde?  
Quem não brada — *soldados, avante!*

Portuguezes a voz que nos falla  
E' o brado leal da nação !  
Se na lucta ficarmos vencidos,  
Que a mortalha nos seja o pendão.

1.º de fevereiro de 1874.

bibRIA

POR QUE CHORAS?

# bibRIA

A EMILIA

Tu vertes, virgem, tão sentido pranto  
Assim á beira-mar!  
Porque vaes com as ondas crystallinas  
Teu pranto misturar?

Fugiu-t'ás faces o rubôr que ostentas  
Nas tardes de verão,  
Quando os teus olhos negros vem fallar-me  
D'amor ao coração?

Quando ao pôr do sol tu te inclinas  
Da viração ac seio  
E eu te aperto, unida á minha alma  
Em divinal euleio!

Quando da lua o tepido reflexo  
S'esparge em tua fronte  
Como a luz que ao morrer ella dezanha  
No pallido horisonte?

Que pallidez no rosto! Como estão  
Teus labios descorados!  
O teu cabello d'oiro em tranças, solto  
Teus olhos maguados!

Que tens tu, Emilia porque choras  
Assim á beira mar?  
Porque vaes ás ondas crystallinas  
Teu pranto confiar?

23 de maio de 1874.

## NO PENEDO DA MEDITAÇÃO

# bibRIA

A MINHA QUERIDA IRMÃ IZAURA DE VILHENA

D'ALMEIDA MAIA.

Alem as harmonias das quebradas,  
Das aguas crystallinas, misturadas  
Das aves c'o cantar.  
D'ali os pinheiraes c'os ramos verdes,  
As brancas madresilvas c'os valverdes  
Aqui a ciciar.

As lymphas transparentes da cascata  
Franjando aqui e ali lençoes de prata  
Vão murmurando—amôr!  
As aves nos gorgeios matutinos  
Entoam maviosas os seus hymnos  
Que louvam o SENHOR.

Coimbra 30 de maio de 1874.

bibRIA

As viagens transportes de casais  
Fazendo aqui e ali viagens de praz  
730 marmelados — amarelo  
As aves nos terrenos matinaes  
Faziam viagens de seus bairros  
Que foram o Senhor

Colônia do Rio de Janeiro de 1873

# bibRIA

Essa flor nasce um pasto que sustenta  
Nossa alma e o rico d' amizade  
Hortada pela terra e pelo ar  
Nossa alma — essa haste e a espigada

A planta que desponta carinhos  
Essa planta é o amor, que em vaza logo  
Te off'rece sempre deslumbrado

# A MOR.....

# bibRIA

A' EX.<sup>ma</sup> SR. D. A. .... A. ....  
M. .... M. ....

Sente o meu peito o seu aroma esquis  
A minha alma que cresce lá  
Nasceu d'um solo que não é real  
Vivo não toucho como animal não im

Viver, em planta neste peito meu  
Leva-te o tronco e seu palmar, freguesia  
Se o teu espelho virar minha alma

Ha na vida uma planta que se alenta  
C'o calor que lhe off'reçe a nossa alma!  
Planta ingrata que apóz tantos carinhos  
Do martyrio lhe tece a roxa palma.

D'essa flôr nasce um'haste que sustenta  
Nosso peito c'o viço d'amizade;  
Beijada pela brisa assaz crucial  
Nossa alma — essa haste é a *Saudade*.

A planta que despreza os teus carinhos  
Que alim te atromenta, peito humano,  
Essa planta, é o amôr, que em aurea taça  
Te offrece veneno, deshumano!

Como a rosa que erguida sobre o cerro  
Ao romper da manhã o rubro alvôr  
Mostra os seus attractivos e occulta  
Os espinhos que a cercam, é o amor.

Sente-o meu peito; o seu aroma aspira  
A minha alma, que crucial já  
Nasceu d'um ente que não é real  
Vive 'num mundo como igual não ha.

Vives, oh! planta 'neste peito meu!  
Rega-te o tronco o seu pulsar frequente,  
Se o teu espinho crucial minh'alma  
Não mais seu halito o viver te alente.

VITE

# bibRIA

A' EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. E. . . . . C. . . . . P. . . . .

A tarde declinava...  
O sol já muribundo  
Allumiava o mundo  
Com pallidos clarões.....

Alem...alem...do Vouga  
Corria a agua lisa  
Aqui fallava a brisa  
D'amôr ao coração.

Eu vi te, meu amor,  
Sentada no jardim;  
Teus labios de carmim  
Tocavam uma flôr.

O teu cabello, solto  
Em tranças, sobre o seio,  
Em divinal enleio,  
Em veu mystico envolto....

Beijavas uma rosa  
De folhas bem córadas;  
Em tuas mãos nevadas  
A flôr é mais formosa.

Realça mais a côr  
O calix é mais lindo,  
O seu arôma infindo  
Tudo rescende—amôr!

Ao pé da violeta....  
Olhos fictos no Céu....  
Da poesia o véu....  
O meditar do poeta....

A frente inclinada  
A' mão de pura neve....  
Um colorido leve....  
A cutiz nacarada....

Surpreendi-te assim  
'Nessa meditação  
Li-te do coração  
No livro de setim.

Se tive então coragem  
P'ra não dizer —*amôr*,  
Pergunta-o á tua flôr,  
Ou que t'o diga a aragem.

Quando, em branda lufada,  
Soprar ahi o vento  
Que diga o sentimento  
Da minha alma, fada.

19 de novembro de 1874.

O meditar do poeta  
Da poesia é vida  
Outros livros do  
Correio de 1908

A linha marcada  
Um colar de  
A linha marcada

# bibRIA

Em live então correm  
Eis não dizer - como  
Pergunta o filho  
O que te diga a resposta

Quando, em grande labada  
Soprar ali o vento  
Que diga o sentimento  
Da minha alma, labada

## MYSTERIO

# bibRIA

NO ALBUM DA EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup>

D. ELOSINDA HORTENCE DE MAGALHÃES MESQUITA

Tu já viste, donzella quando meiga  
A viração oscula em doces beijos  
O lyrio da campina, solitario  
E as junças altivas de sós brejos;

Quando nos bosques um pallido reflexo  
Lhe doira os ramalhaes e o sol s'esconde  
Um poeta cantar a soledade  
A um echo fiel que só responde?

Atravez uma rocha que em cascata  
A natura tornou, correr bem pura,  
Uma lympha tão clara e crystallina  
Que arrebatá o poeta em tal doçura?

Tambem meu peito quando a doce brisa  
O bafeja com meiga inspiração,  
Murmura almos segredos que não sabe,  
Não sabe desvendar o coração.

Se é amor não sei, se soledade ignoro;  
Se maguas soltas que me rouba o vento,  
Não sei; só fito o firmamento e sinto  
Fugir-me atravez elle o pensamento;

Callar seus sons a lyra e eu, absorto  
Em extasi sublime, magoethereo  
Ficar horas inteiras meditando  
E diser-me a natura é um=*mysterio*.

## AMOR IMPOSSIVEL?

# bibRIA

A' EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. E. . . . . C. . . . . P. . . . .

Este amor immenso que dedico  
A um ente que estremeço  
Esta paixão ardente que me abraza  
Que eu mesmo nem conheço,

Que me faz estalar as fibras d'alma  
Que m'incendeia o peito;  
Esse louco pulsar d'um coração  
Que ama e 'stá sujeito

A's leis desapiedadas da indiffrença,  
Cruel, sim! desengano!  
Horriavel balouçar de fragil barca  
No enfurecido Oceano,

Que treme, vacilla, e apòs baqueia  
Nas ondas d'esse mar,  
E s'affunda no leito d'essas vagas  
Que a vão despedaçar;

Esse violento amor—essa loucura  
Que a um anjo offerecera,  
Apagou-se e murchou, qual murcha a flôr,  
Em plena primavera?

Que beijada da briza d'alvorada  
Que as folhas lhe bafeja,  
P'la louca mariposa que, c'o a brisa  
Em volta lhe adeja

— —

Sente alfim o tufão que lhe separa  
A haste e a raiz,  
As folhas e o caliz e murmura  
« Oh! quanto sou infeliz » ?

E não vive esse amor? outro ditoso  
Roubou ao peito meu  
A alegria, a vida, a liberdade  
— 'Nesse amôr — o meu Cèu ?

30 de janeiro de 1875.

bibRIA

Seate agra e finta das lras egras m eio  
A pasta e a finta m eio  
As folhas e o eais e m eio m eio  
O m quanto soy m eio

E não vive eais m eio m eio m eio  
Flores de m eio m eio  
A egras e vida e m eio m eio  
— Nosa m eio — o m eio m eio

# bibRIA

Que m eio m eio m eio m eio  
Que m eio m eio m eio m eio  
A m eio m eio m eio m eio  
E m eio m eio m eio m eio

Que m eio m eio m eio m eio  
Que m eio m eio m eio m eio  
P m eio m eio m eio m eio  
E m eio m eio m eio m eio

— 88 —

Quando em raios desmaiados  
O astro da soledade,  
Do meu Vouga sobre as aguas,  
Vem inspirar-me saudade;

## MURMURIOS DO VOUGA

Que quando voga sobre ellas,  
Sente meu peito alegrar.

# bibRIA

Que se deus me dá a vida,  
A vida que eu não quero,  
Que venha os olhos de deus,  
Não ha deus que os desvie.

A MEU MUITO PREZADO THIO O ILL.<sup>mo</sup> SR.

JOSÉ ANTONIO TORRES

Tam que mim tanta belleza,  
E tal a sua arte, que  
Que quando lha vejo, sinto  
Vandoso a tortura

Quando em raios desmaiados  
O astro da soledade,  
Do meu Vouga sobre as aguas,  
Vem inspirar-me saudade;

Quando a brisa em seus bafejos  
Vem oscular os meus sonhos,  
Do meu Vouga sobre as aguas,  
São-me elles sempre risonhos,

Aquellas lymphas de prata,  
Tem p'ra mim tanta magia,  
Que quando vogo sobre ellas,  
Sente meu peito alegria.

Não sei que meigos sorrisos,  
Aquelles crystaes sorriem  
Que quando os olhos os fectam,  
Não ha forças que os desvie m.

Tem p'ra mim tanta belleza,  
E' tal a sua atracção,  
Que, quando lhes fallo, sinto  
Venturoso o coração.

Foram suas aguas tranquillias,  
Meu berço outr'ora beijar.  
Suas mansas ondas de prata,  
Iam-me ao berço emballar.

Quando a brisa matutina,  
Encrespava as suas aguas,  
Ia tristonho contar-me,  
Do seu peito as tristes maguas.

Agora nos seus murmurios,  
Quando á noite o 'scuto attento,  
Ouço n'elles traduzido,  
O mais doce pensamento.

Diz-me phrases tão bonitas,  
Todas tão cheias d'amôr,  
Que ant'ellas se desvanecem  
Tristes lembranças de dôr.

E quando atroz soffrimento  
Me quebra as fibras do peito,  
Eu corro contar-lhe as maguas,  
Que o coração traz desfeito.

Duas-aguas 24 d'agosto de 1874.

Quando a terra estiver  
Luz e sombra se vão  
E a natureza com o  
Do seu poder as coisas novas

Agora que sou um homem  
Quando o sol se põe  
Que a terra se abala  
O que a terra produz

# bibRIA

E quando a terra estiver  
Meu poder se abala  
E a natureza com o  
Que a terra produz

Quando a terra estiver  
Meu poder se abala  
E a natureza com o  
Que a terra produz  
Buss-ant-21 d agosto de 1871

— 90 —

No basulo alivo,  
Da nossa liberdade,  
Tremor de nobreza  
O liberal partido.  
Quebram-se as algemas,  
Romperam-se as cadeias,  
C'roum-se as ameixas.

**O DIA 8 DE MAIO**

E' livre a arte e o genio  
Livro é nosso prezado  
O livro é o nosso  
O livro é o nosso  
O livro é o nosso

**bibRIA**

AOS LIBERAES DE COIMBRA

As n'ras  
A patria é livre o povo

Rompe, formosa aurora,  
De tão festival dia;  
Renasça a alegria,  
No peito, liberaes.  
As nossas crenças livres!  
E' livre o pensamento!  
Não mais o desalento,  
Escravidão não mais.

Coimbra 8 de Maio

No bastião altivo,  
Da nossa fortaleza,  
Tremúla da nobreza  
O liberal pendão.  
Quebraram-se as algemas,  
Romperam-se as cadeias,  
C'roaram-se as ameias,  
E' livre o coração.

E' livre a arte e o genio  
Livre é nosso pensar!  
Foi bello o accordar  
De sonho tão pezado!  
A noite foi escura,  
Comprida e carregada,  
Mas hoje é libertada,  
A patria, é livre o brado.

Fugiram os imigos,  
Deixando livre a terra!  
Foi nobre a nossa guerra,  
E' livre esta cidade.  
Que é d'ella! a escravidão?...  
Renasça a alegria,  
Saudemos este dia  
E—*viva a Liberdade.*

Coimbra 8 de maio de 1874.

# NA LAPA DOS ESTEIROS

AO MEU PREZADO E LEAL AMIGO  
IGNACIO AUGUSTO FERREIRA DE CARVALHO

# bibliA

São lindas estas flores,  
 Suaves seus arômas,  
 D'oiro as suas cômas,  
 Embriaga o seu perfume;  
 A rosa purpurina,  
 Ostenta formusura,  
 A cecem tem candura,  
 O cravo tem ciume.

A candida assucena  
A alva folha inclina,  
A' pallida bonina  
Que lhe suavisa as maguas.  
A roxa violeta  
Pranteia a soledade....  
Nas azas da saudade,  
Vae lastimar-se ás aguas.

Vem oscular-lhe a rama,  
A viração do norte....  
Alli não entra a morte,  
Tudo vive e sorri.  
Até a verde relva,  
A rosa de toucar....  
E eu a meditar,  
Só....só....pensando em ti.

Lapa dos Esteios, 15 de maio de 1874.

— Se o mundo inteiro encaprichado se dá  
A vaga de desleal, então eu não  
A parte de viver deslealmente e não dá  
Porém se o mundo inteiro encaprichado se dá

Que magro disseste ao meu amigo  
Do pobre que disseste ao meu amigo  
Não tens em alma que te dá amigo  
E não confias meu amigo, em mim?

# LAGRIMAS

# bibRIA

AO MEU PREZADO E BOM AMIGO

JOÃO ANTONIO DE SOUZA.

E assim a vida do poeta, amigo  
Que se lembra magras que eu sofrendo estou  
Do pranto a semelha aos seus mendigos  
E elles dão-me, porque eu pobre sou

Sou pobre, triste, mas feliz ainda  
Dante  
A cruz de honra  
Tu choras, poeta, a dôr que te vae 'nalma,  
Turtura-me este peito tambem teu;  
Eu sinto atravez fingida calma  
O barulhar infrene do escarceu.

Eu vejo no teu peito encapellada  
A vaga da desdita, atroz, cruel;  
A barca do viver desarvorada  
Dar em secco, alem, 'nesse parcel.

Que magua dilacera o peito amigo  
Do pobre poeta, que suspira assim?  
Não tens um'alma que te dê abrigo,  
Já não confias, meu amigo, em mim?

—Ai triste aquelle que a fortuna enrola  
No negro manto de feroz desgraça;  
Qual barco solto, sem destino, á rôla,  
No só salgueiro, o bordo prende, enlaça!

E' assim a vida do poeta, amigo,  
Que soffre as maguas que eu soffrendo estou;  
Do pranto a esmolla aos fieis mendigo  
E elles dão-m'a, porque eu pobre sou.

Sou pobre, triste, mas feliz ainda  
Pois tenho amigos, bem fieis, oh! tenho!  
Deante d'elles meu martyrio finda,  
A cruz deponho, e des'parece o lenho.

—Se os meus suspiros podem contentar-te  
Se o teu pranto enchugar o meu,  
Tu bem o sabes, escusado é dar-te  
Nova lembrança, pois meu pranto é teu.

28 d'abril de 1874.

bibRIA

— Se os meus desejos podiam contatar-se  
Se o teu piano tocava a minha  
Tu bem o sabes, sacando o dia-te  
Nove lembranças por teu piano a teu

Que me dá a vida a tua  
Do teu piano a tua  
Me dá a vida a tua  
Me dá a vida a tua

# bibRIA

Se os meus desejos podiam contatar-se  
Se o teu piano tocava a minha  
Tu bem o sabes, sacando o dia-te  
Nove lembranças por teu piano a teu

Se os meus desejos podiam contatar-se  
Se o teu piano tocava a minha  
Tu bem o sabes, sacando o dia-te  
Nove lembranças por teu piano a teu

## DEVANEIOS

# bibRIA

A MINHA QUERIDA THIA A EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup>

D. MARIA EMILIA DE MORAES SARMENTO

Quantas vezes sombrio e embebido  
Sò em meditações,  
Eu vou ao romper d'alva ouvir sósinho  
As matinaes canções?

Ouvir trinar as aves os gorgeios  
Dos sens festivaes hymnos,  
Saudando o Creator e a natureza  
Em harpejos divinos.

Quando da viração nas azas vôa  
Essa etherea harmonia  
A imaginação vôa nas doces  
Azas da phantasia.

O poeta então medita e pensa  
E abraça a immensidade  
E volve ao anilado Céa os olhos  
E crê na eternidade.

Bem diz a Providencia o coração,  
Feliz, n'esse momento;  
Sente atravez a vastidão do espaço  
Sumir-se o pensamento.

Voa-lhe a alma aos divinos gosos,  
E sente-se ditozo  
Ao contemplar as obras da natura  
Objecto grandioso.

N'este extasi suave os olhos cerra  
E encosta á relva a fronte.  
Mil sonhos d'amor e mil venturas  
Lhe doiram o horisonte.

27 de fevereiro de 1875.

bibRIA

Era bella quando, á noite,  
Me via a luz do luar;  
Quando a brisa me doava sopros  
Me via a fronte-luar.

N'este estado suave os olhos cerris  
E enxada a terra a fronte  
Mil sonhos d'amar e mil venturas  
Eis dormiu o forasteiro

Qual a imagem  
A imagem da vida  
A imagem da vida  
A imagem da vida

# bibRIA

E volve a realidade  
E cre no eternidade.

Bendix a Providencia o coração,  
Feliz, a esse momento,  
Sempre a viver a realidade da vida  
Sempre a viver a realidade da vida

Vue-lo a vida do momento  
E a vida do momento  
E a vida do momento  
E a vida do momento

**HONTEM, HOJE, AMANHÁ**

**bibRIA**

A' MEMORIA DE M. J. C.

Era feliz quando, á noite  
Me vinha a lua affagar;  
Quando a brisa em doces sopros  
Me vinha a fronte beijar.

Era feliz quando, d'oiro  
Recamado o firmamento  
Pensava sósinho 'nella  
Sendo d'ella o pensamento.

Ella a mulher que adorava  
Ella que era o meu enleio!  
Era feliz quando unida,  
A apertava juncto ao seio.

Quando sentia, ditozo,  
O arfar do peito seu  
E julgava, eria sempre  
Que o seu amor era o Cèu!

Ella morreu-me ! Hoje, em lucto  
Jaz meu triste coração;  
Que de lucto se reveste  
Alma pura em afflicção.

Já não é doce essa brisa,  
Já não tem brilho essa lua,  
Fugiu louco o pensamento  
Foi-se juncto à immagem sua.

Já não sinto, desditozo!  
O arfar do peito seu  
Já não tenho o amor d'ella  
Já não creio 'nesso Céu.

Não creio não que debaixo  
D'uma lagem, triste lousa  
Vive a vida da minh'alma  
Da minh'alma!—lá repousa.

Amanhã... quem sabe a sorte  
Destinada ao meu viver?  
Quem sabe se sob a lousa  
Sepulchral irei fazer?

Quem pode dizer... quem pode?  
Onde vae parar o vento,  
Quando ruge a tempestade,  
Que só traz dôr e tormento.

Quem sabe se a fria campa  
Meu corpo esconderá,  
Quem sabe mesmo se a brisa?  
Meus restos beijar irá?

Repousa em paz, anjo q'rido!  
Pede por mim ao Senhor!  
Qu'eu fico a chorar na terra  
Saudades do nosso amor!

3 de dezembro de 1875.

bibRIA

— 142 —

Como a bomba se romper de manha das  
As asas de caduira  
Assim um sima noiva e noiva  
Vou a minha vida

# **SOBRE O FERETRO**

DE FRANCISCO ANTONIO DE RESENDE

# **bibRIA**

JUNIOR

Al que saudade munda! Oh! como scriba  
Gracia a doze partes de almas  
150 mil, inda lã noventa e cinco a se  
Sobrevive a tua lã... a tua a lã...  
Vozes a tua a lã... a lã... a lã...

No relógio augusto que da vida  
Momentos mede e sec'los,  
O destino bateu tua hora extrema...  
E fugiste do mundo.

Como a pomba, ao romper da manhã, bate  
As azas de candura,  
Assim tua alma nobre e generosa  
Voou a melhor vida.

E partiste da terra ! Aos que te amavam  
Deixaste inconsolaveis !  
Rasgaste do porvir um horisonte  
Doirado de venturas.

Quem pudera trazer-te á vida ! Oh ! Céus !  
Quem dar-te alento e acção !  
Quem da morte arrancar-te aos bronzeos braços  
Pudera agora ! Oh ! Deus !

Ai que saudade infinda ! Oh ! como acerba,  
Crucía a dôr meu peito !  
Tão moço! 'inda tão novo! oh ! como a 'sp'rança  
Sorria ao teu futuro !

Quem não viu florescer a rosa branca,  
De galas, mimo e alvura,  
Sobre a haste pender graciosa e bella,  
D'enebriante arôma?

Pallidas suas folhas quando rompe  
A pallida alvorada?  
Tão meiga quando os beijos perfumados  
Da brisa a vão beijar?

Doirada quando os raios moribundos  
Do sol que se vae pôr,  
Seu calix osculando vae dizer-lhe  
O derradeiro adeus?

Tremula quando o vento lhe balouça  
A debil hastesinha,  
Cheia de medo quando a tempestade  
Promette derribal-a?

Amarella pender sem graça e mimo  
Tremar e vacillar,  
Cahir a uma e uma as folhas suas,  
A' borda d'um arroio ?

Arrastada do vento na corrente  
Boiar já moribunda ?  
Açoitada fugir sobre essas aguas,  
Affundar-se alfim ?

Eis a imagem da vida. Hoje... seduz.  
A'manhã... enebria.  
Depois, afrouxa e pende e quasi murcha ...  
Alfim... foge e não volta.

Assim tu nos fugiste e te alaste  
Atè á eternidade !  
Assim tu sob a lousa fria e muda  
P'ra sempre te escondeste!

Assim tua alma candida voou  
Até aos pés de DEUS  
Sem que o vôo cortar pudesse ao menos,  
A amizade de tantos !

Assim mais uma vez a tempestade  
Ceifar ousou da haste  
O lyrio de candura, a flôr mais bella,  
D'este jardim terrestre !

Assim a Mão de DEUS, que tudo póde  
Te leva ao Pantheon,  
Onde vive a virtude, o bem e a gloria,  
Que é de DEUS, e só d'ELLE.

Descança em paz, oh! anjo, em quanto eu choro  
Ao pé do teu jazigo !  
E se a vida te foi cruel martyrio  
A campa te é repouso.

1.º de fevereiro de 1875.

bibRIA

MARGARIDA AUGUSTA D'ALMEIDA SARA

Escucha en paz, mi hijo, en cuanto al libro  
De los días de la vida  
Después de la vida de los días de la vida  
A campo de la vida de la vida

La vida de la vida de la vida  
La vida de la vida de la vida  
La vida de la vida de la vida  
La vida de la vida de la vida

# bibRIA

Seis días de la vida de la vida  
A campo de la vida de la vida

Así como una vez a la vida  
Cada día de la vida  
O como una vez a la vida  
Cada día de la vida

Así como una vez a la vida  
Cada día de la vida  
O como una vez a la vida  
Cada día de la vida

## O CANTO DO LIBERTO

bibRIA

A MINHA QUERIDA IRMÃ  
MARGARIDA AUGUSTA D'ALMEIDA MAIA

Sou livre! já livre pulsa  
Meu liberto coração;  
Livrei-me d'essas cadeias  
Que teceu a escravidão.

Foi libertada comigo  
Minha ideia, meu pensar;  
Morrerei livre e sem magua;  
Vou livre á terra baixar.

Não condemnou Deus o homem  
A morrer agrilhoado;  
Não foi debalde ao Calvario  
Pregar o Verbo Inspirado.

Não foi debalde que o Martyr  
Do Golgotha, O Sacrosanto,  
Foi na cruz, pendão de Christo  
Derramar sentido pranto.

Não foi! N'essa cruz divina  
Já radiava a verdade,  
Aureolando um diadema  
Em que leram — *Liberdade*.

Liberdade! fogo santo,  
Qu' incendeia corações!  
Alma luz! Etherea chama  
Que despedaça grilhões.

Quem ha no mundo a que a luz  
Da tua essencia não chame  
A' lei santa da verdade?  
Que o teu clarão não inflame?

Quando em noites tão bonitas,  
Como as tem meu Portugal,  
Eu ouço dizer teu nome  
A's folhas do salgueiral;

Quando em canções matutinas  
Eu ouço dizer as aves  
Teu nome cheio d'encantos  
Nos seus gorgeios suaves;

Meus labios desprendem hymnos  
Saudando-te oh! Liberdade!  
Pura crença! luz bemdita  
D'onde emana a flicidade.

Quando nas praias longinquoas  
Das terras do men degredo  
Ouvia dizel-o á brisa  
As franças do arvoredos;

Então minh'alma indiffrente  
Aos teus encantos risonhos  
Passava noites inteiras  
Engolfada em negros sonhos

A vista se me alongava  
Atravez prados floridos;  
O meu coração cahia  
Em pensamentos mentidos.

Bem haja oh! Liberdade!  
Bem haja teu nome sancto,  
Do teu sul a luz bem haja,  
Bem haja teu nobre encanto.

Liberdade eu vi-te escripta  
No ceu, na terra, e no mar,  
Vejo-te ao fitar a estrella,  
Quando as ondas vou sulcar.

Sou livre! já livre pulsa  
Meu liberto coração  
Livrei-me d'essas algemas  
Que teceu a escravidão.

Lavada à margem do suave arroyo,  
Que ligeiro corre,  
Pela brisa que a impelle até à praia  
E suscitada morte.

No peito  
Aparar-se este amor, voltar o ledão  
A' vida e a desceença.

# DESALENTO

# bibRIA

A MINHA QUERIDA IRMÃ  
EMILIA AUGUSTA D'ALMEIDA MAIA

A vida foge. Esvai-se com o sopro  
De meiga viração.  
E' folha d'uma rosa desfolhada  
Pelo infrene tufão;

Levada á margem do suave arroio,  
Que ligeiro corre,  
Pela brisa que o impelle até á agua  
E suffocada morre.

No peito meu eu sinto assim morrer  
A fé, a 'sp'rança, a crença !  
Apagar-se este amor, voltar o tedio  
A' vida e a descrença.

Eu sinto 'nelle um vacuo infinito  
Que me afflige e mata.  
E vejo definhar-se a alma sempre  
Que elle se dilata.

A vida o que é se não dá seiva  
A outra vida?  
E' fogo que se apaga, luz que morre  
Chama perdida

E 'neste desalento, sempre, sempre,  
Continuo desamôr  
Eu vou fugindo á vida qual se fana  
C'o vendaval a flôr.

# O PIRATA

# bibRIA

A MINHA QUERIDA IRMÃ

MARIA DO AMPARO VILHENA D'ALMEIDA MAIA

Que barco é esse que ao largo  
Fende as ondas socegadas,  
C'o a prôa metida á terra,  
D'alvas velas enfunadas?

Quem commanda esse navio?  
Quem sustem o pau do leme,  
Que atravez as tempestades  
Sulcar as ondas não teme?

—Sou eu a quem essas vagas  
Foram berço de cristal,  
Beijando a areia das plagas  
Do meu q'rido Portugal,  
Esse barco é a fragata,  
Cortando as aguas de prata,  
E' o barco do pirata,  
Que não teme o vendaval.

Não teme. Brame a tormenta,  
Rebrame o vento do sul,  
A tempestade rebenta,  
E eu sorrio ao pego azul.  
Zomba das furias do mar,  
Nas praias a murmurar,  
Quem as vê despedaçar  
'Nareia que faz paúl.

Não teme, não; que ao pirata  
Não assusta o Oceano  
Metido n'essa fragata  
Em que só elle é sob'rano;

Onde o curso vae, mansinho  
Depositar com carinho,  
Um beijo, em que o redemoinho,  
Vae murmurar-lhe um archano.

'Neste mar só eu sou rei!  
Governo sò eu ahí;  
Imponho a minha lei  
Aos reis da terra d'ahí.  
Qu' importam suas riquezas?  
D'essas vagas a alteza,  
Merguith' as 'nessa grandeza  
Do mar imenso, aquí.

Temem os grandes da terra  
D'esse mar a immensidade;  
Não ousam travar em guerra  
No meio da tempestade.  
Quando em atra noute o vento  
Leva a terra o pensamento,  
Beija, além, de sotavento  
A vaga a minha *Humildade*.

Esses grandes, tão pequenos  
Deante do mar imenso,  
Não ousam falar ao menos  
A esse azul tão extenso.

São pequenos, aterrados,  
Quando vêm levantados  
Os cachões encapellados  
A quem, sorrindo, eu venço!

D'esse mar que os assusta  
Eu vôo nas ondas bravas,  
Quando a ventania adusta  
Meu barco faz sulcas cavas.  
Fende vaidoza a fragata  
Essas ondas todas prata  
O navio do pirata  
Que faz das vagas escravas.

9 de junho de 1874.

# VIDA E MORTE

UMA FOLHA DA CARTEIRA D'UM SCEPTICO

Eu tenho horror á vida,  
Quando medito e penso  
'Neste vogar immenso  
Sem rumo, estrella, norte.  
Eu tenho, que s ósinho,  
Eu vivo neste mundo  
Envolto em veu profundo  
D'escuridão da morte.

Quem ha n'este Oceano  
Que viva como eu,  
Em trevas, sem ver Cèu  
Descrente sem futuro?  
Quem ha? ninguem, talvez  
Como eu tão desditoso,  
Libando o amargozo,  
Fel da desgraça, impuro.

Viver no mundo e morto  
O coração já ter,  
É secca a flôr e crer  
Da infeliz na vida.  
Nos labios um sorriso,  
No peito o desalento,  
É confiar ao vento  
A folha desprendida.

Qual passa a nuvem leve  
Que vela o Cèu azul,  
Soprada pelo Sul,  
Tambem assim passei,  
Deixando sem memoria  
Vestigio sequer, triste;  
Assim minh'alma existe  
No mundo em que habitei.

A vida que 'inda tenho  
Em morte se traduz.  
Só quero que uma cruz  
Negreje sobre mim.  
Que importa a vida, oh pobre?  
Viver sob uma louza,  
Onde o mortal repousa,  
É teu porvir oh! sim.

19 de março de 1874.

bibRIA



Ferrões e espadas e sabres e cassetes e  
Escarpos e machados e machos e machos  
E machos e machos e machos e machos  
E machos e machos e machos e machos

# A MINHA ESTRELLA

# bibRIA

A' EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. E. . . . . C. . . . . P. . . . .

Oh! essa nuvem que sobra, sobra,  
Um horizonte que não brilha lá,  
E a desliza, que persegue os passos  
Do pobre poeta que descesta esta

Alem já vela tenebroza nuvem  
Um horisonte radiante outr'ora,  
Onde tivera dezenhado ha muito,  
Felizes traços deslumbrante aurora.

Percorre a espaços o azul celeste;  
Encobre o manto de formozo anil;  
E negra, escura, ella lá vae toldando  
Manhã serena de tão meigo abril.

Lá vae, lá corre e no correr lá deixa  
Um rasto d'ouro... oh! como és linda estrela!  
Na solidão a existencia é triste.....  
Mas tu, sosinha, n'esse manto... és bella!

bibRIA

Oh! Essa nuvem que toldou, sombria,  
Um horisonte, que não brilha já,  
E' a desdita, que persegue os passos  
Do pobre poeta que descrente está.

Esse horisonte, embalsamado outr'ora  
Pelo perfume d'odorif'ra flor  
Era o futuro! era um pervir d'itoso  
Ditozo, sim, era um porvir d'amor

E essa estrella que lá surge e brilha  
Radiante e bella sobre um manto escuro,  
E', q'rida, o Anjo do amor que vòa,  
A allumiar, oh ! sim o meu futuro.

Não deixes, lume da minh'alma, a'strella  
Morrer. A esp'rança sempre me sorri.  
A'strella vive na soidão da noite  
Eu passo a vida a suspirar por ti.

17 de novembro de 1874.

bibRIA

E essa estrela que lá surge e brilha  
Resplandecendo sobre um mar de escuma  
E' d'ida a Anjo do amor dos vós,  
A iluminar os lábios e o coração.

Não deixes, filha da terra, a estrela  
Morrer. A estrela sempre me sorri,  
A estrela vive na solidão da noite  
Ela passa a vida a esperar por ti.

# bibRIA

Um livro novo que todos, sempre,  
Devem ler e que sempre nos dá  
Um novo mundo, um novo mundo,  
Um novo mundo que sempre nos dá.

Um livro novo que todos, sempre,  
Devem ler e que sempre nos dá  
Um novo mundo, um novo mundo,  
Um novo mundo que sempre nos dá.

Que vosas alegras eglam nas salas !  
Que risos levam nos labios rosados  
Las ricas convivas do tanto banquete,  
Los nobres adaltes das valizas canções

As dancas sortiam ! Os jovens murmuram  
O amor incandescente — mas tanta mentidos  
Os risos e prantos  
Cobertas d'espaldas e luzes lindas

## RISOS E PRANTOS

# bibRIA

A MINHA MUITO PREZADA THIA A EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup>

D. MARIA JOZE VILHENA D'ALMEIDA TORRES

Que festa brilhante no alto palacio!  
Que salas immensas de ricos ladrilhos !  
Que gozos ethereos ! que galas sublimes !  
Que pompas! que luxos! que luzes! que brilhos!

Que vozes alegres echôam nas salas !  
Que risos revôam nos labios rosados  
Dos ricos convivas do lauto banquete,  
Dos *nobres fidalgos* das walsas cançados.

As damas sorriem ! Os jovens murmuram  
D'amor juramentos—mais tarde mentidos.  
Os risos succedem-se ás juras das damas  
Cobertas d'esmaltes e luxos fingidos.

Que mesquinhez envolve  
Do pobre o triste albergue !  
Alli a fome ergue  
Um filho pequenino  
Do desgraçado paria....  
Alem busca consolo  
A mãe que traz ao collo  
Um quasi nú menino.

A pallida miseria  
Arranca ao pae o pranto  
Que enchuga a mãe ao manto  
Da mais cabal pobreza.  
Que vario contraste!  
Alem, gargalha o *nobre*,  
Aqui pranteia o pobre,  
O pranto da nobreza !

12 de setembro de 1874.

Tu nunca viste no ceo isto labo  
A debal planta que se encosta a elle,  
Que a brisa dobra, que o beijo a medo,  
Que o vento guisa, que o talha impelle.

Tu nunca viste no infinito ceo  
A vez morna vir a brisa a prais?  
Tu nunca viste esse intacto ceo  
Do vento e as folhas de vivente ois?

# bibRIA

Nunca se viste o ceo d'assombrado  
Nunca lhe viste em folhas de setim  
Orvalho d'ouro em trilha serena?  
—Vista ella d'riba o nosso amor e setim.

Tu nunca viste numa noite bella,  
Na primavera e em pleno abril,  
O firmamento percorrer a estrella?  
A formosura d'esse immenso anil?

Tu nunca viste no regato ledo  
A debil planta que se encosta a elle,  
Que a brisa dobra, que o beija a medo,  
Que o vento quebra, que o tufão impelle ?

Tu nunca viste no infinito Oceano  
A vaga mansa vir quebrar-se á praia ?  
Tu nunca viste esse lutar insano  
Do vento e as folhas da virente olaia ?

Tu nunca viste ao des'brochar da rosa  
O roseo calix d'essa linda flor ?  
Nunca a sentiste rescender, formosa,  
Perfumes suaves d'inebriante amor ?

Nunca sentiste o aroma d'assucena ?  
Nunca lhe viste em folhas de setim  
Orvalho d'oiro em manhã serena ?  
—Pois olha q'rida o nosso amor é assim.

11 de março de 1874.

Como assim desceida e' de por terra  
Choras, pobre, ten mal!  
Separa-se, qual planta de seu tronco,  
Tu es de pedreira!

# A CRUZ DO ERMO

# bibRIA

A' MINHA PREZADA THIA A EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup>  
D. PAQUITA TORRES Y OTTERO

Quem assim derrubou teu braço oh! triste  
Oh! solitaria Cruz?  
Quem cusou sem receio mutilar-te  
Oh! meu fanal e luz?

Como assim decepada, e já por terra  
Choras, pobre, teu mal!  
Separada, qual planta de seu tronco,  
Tu és do pedestal ?

Accaso a mão do impio ousara assim  
Impavida cortar  
Tua vida, qual o vento apaga a luz  
Em rouco sibilar?

Oh! como o vendaval crestou teu peito,  
Oh! Cruz do meu Senhor!  
Qual fana a tempestade em seu rugido  
A pudibunda flôr!

Oh! como a trepadeira, terna amiga,  
Roubar-te, a triste, quiz  
As maguas! Como unida a ti deseja  
Fazer-te bem feliz!

Como tudo é vago e só. Até a lua  
Em seu morno clarão  
T'envia um sentimento, expresso, n'elle  
Ao triste coração!

E' que todos te adoram! Só o impio,  
Que derrubar-te ousou,  
Do pedestal altivo em que a MÃO SANTA,  
Teu corpo collocou,

Rompeu a folha q'rida do aureo livro  
Do pensamento ethereo;  
Sem reparar que o livro era divino  
O seu dizer—mysterio !

O livro era o teu seio; o seu dizer  
Nas folhas esculpido:  
Que a «Cruz foi o Anjo que remiu  
O homem opprimido.»

Não chores, Cruz bemdicta, a mão do impio  
Que derrubar-te ousou,  
Quebrou-a a MÃO DE DEUS que é mais potente  
Que a mão que te matou.

E que todos se aborram, Se o impozer  
Que dar-lhe as leções,  
Do pedregal ativo em pedras não se aborram,  
Ten corpo colosso,

Homem a folha d'ũa de outro livro  
Do pensamento eterno,  
Sem reparar que o livro era divino,  
O seu dizer — mysterio !

# bibRIA

Mis theraux, Oux beuilles, a mis de l'impio  
Que dar-lhe as leções,  
Quebrou a mão de uma que é mais potente  
Que a mão que le instruo

o de setembro de 1874

## O GENIO E A ARTE

# bibRIA

AOS ARTISTAS D' AVEIRO

Quem no mundo conquista a nobreza,  
Que ao trabalho não pague o tributo ?  
Quem nos actos d'eterna grandeza,  
Trabalhando, não colhe assás fructo ?

DEUS IMMENSO, no mar e na terra,  
SEU trabalho benedicto attestou;  
Prova ao mundo nas obras que encerra,  
Que O ETERNO tambem trabalhou.

Trabalhou, meus irmãos ! Como nobre  
O trabalho levanta do pó!  
Nasce o rico, vivendo c'o pobre,  
Em cadeias unidos—um sò !

Edificam-se eternas cidades  
A' luz santa da paz do trabalho;  
Vivem todos, irmãos, sem vaidades,  
D'amisade, d'amor, d'agasalho.

Todos, todos, vivendo contentes,  
Do trabalho ao clarão, no amor,  
Do progresso aos lampejos fulgentes  
Vivem todos na paz do SENHOR.

Eguae todos em DEUS, irmãos somos  
No penar, nos martyrios da alma;  
Lá na vida do ETERNO, qual fomos  
Cá na terra, teremos a palma.

Sim ! JESUS do Calvario no monte,  
Aos humanos prégou egualdade,  
Estampando no immenso horisonte  
A lei santa da fé — Liberdade.

Quando os beijos das auras desfraldam  
Do trabalho o doirado estandarte,  
Soltam vozes os ventos, que dizem  
Nobres phrazes — *Ao Genio e á Arte.*

O *Genio* e a *Arte*, sim,  
Que, filhos do trabalho,  
Espargem santo orvalho  
No coração humano.  
Na sombra edificante  
Do traço do pincel,  
Nas vozes do cinzel  
Vaé misturado um archano.

Saúdam o progresso,  
A fé, o genio e a arte,  
Qu'espalha em toda a parte  
Seu lúzido clarão.  
Bem hajas tu, trabalho,  
Bem hajas egualdade,  
Irmã da Liberdade,  
Filhas do coração.

24 de agosto de 1874.

# bibRIA

— 811 —

Quando o tratamento  
seus ramos verticais dos elevados  
Ao redor d'um centro  
Amplia-se o espaço da leitura

# A' BEIRA D'UM TUMULO

# bibRIA

A MINHA PREZADA THIA A

EX.<sup>a</sup> SR.<sup>a</sup> D. MARIA DA BOA-VIAGEM D'ALMEIDA

VILHENA E CASTRO

Silencio, solidão, tristeza e morte

Eis tudo o que é aqui !

Findaram 'neste abrigo as desventuras...

A brisa á flôr sorri.

O altivo cypreste lá balança  
Ao sopro d'almo vento,  
Seus ramos veridentes que s'elevam  
Tocando o firmamento.

Cada beijo que as auras vão depondo  
Nos verdes ramalhaes,  
Repercute-o o vento em seus bafejos  
A's lousas sepulchraes.

Quem ousa desejar, que se desvende  
Esse infinito archano?  
Não! que as brisas confiam só da campã  
Segredo sobrehumano.

Quem ao vento impedir seu sopro ousára  
Quem? Oh! quem quizera  
A' florinha impedir que brote em viço  
Na linda primavera?

A campã tudo esconde! A' beira... um tum'lo  
Aberto, qual abysmo...  
Na vida cada passo dado em falso  
Ameaça um cataclismo.

Aqui... aqui... oh! não! Tudo é socego!  
Só paz... e soledade!  
Alli... negreja a cruz... além revôa  
Um echo d'amisade!

Mais além se ergue altivo um venerando,  
Marmoreo mausoleu,  
A quem o prepassar d'annos só ponde  
Cobrir de negro vèu!

Alli se curva e dobra ao sopro avaro  
Do vento, que a oscula  
A languida papoila, eterna amante  
Da relva, que a circula.

Ao longe, solitaria e triste estende  
Seus braços quasi nús,  
Pelo correr do tempo carcomidos,  
Abandonada cruz!

Tudo dorme! e tu dormes alma pura,  
Que da terra fugiste!  
Como a pomba sorri 'travez o espaço,  
Tu á vida sorriste!

Quando foste do mundo aurea per'la  
Teu rosto aljofarou,  
Como á candida rosa o rocio d'oiro  
As folhas lhe bordou?

E os teus labios sôltavam um suspiro,  
Um adeus só d'amor,  
Qual o adeus da manhã tepida e bella  
A' perfumada flor?

Não são d'este jardim taes lyrios. Ha de  
Crestal-os o tuão.  
Ha de a força da sorte dessecar-lhe  
C'o a vida o coração.

Adeus! Dorme tranquilla, que aqui nunca  
A desventura entrou.  
Aqui só vive a paz, mora o socego!  
A desdita cessou.

Teme a sorte malvada e deshumana  
Os humbraes penetrar  
Da mansão toda paz onde se vae  
Da vida descançar.

Se algum dia sentir's humida a terra,  
Que te cobre e te abriga,  
Erê que è lagrima solta de meus olhos;  
Triste, mas tua amiga!

9 de novembro de 1874.

bibRIA

Se signa die sentis humida e terra,  
Que ta copia e de abriga,  
Ere que e laurus sola de montes d'aba,  
Triste por ta mital

1781 de novembro de 1871

# bibRIA

A terra branca da campina o jardim  
D'onde a natureza pintou os matos  
A estrella com a campião colastes  
Tantando a mão de talhada auri.

Ah! quem podera, como vós floristas  
Dizer —  
**DESEPERO E FE'**  
Ah! que podera, como vós floristas  
Trazer, meu amor, o meu amor da vida.

LIBRARY  
ALEX<sup>ma</sup> SE<sup>a</sup> D. E. C. P.

É se algum dia a mariposa forta,  
Quizer dizer-lhe que meu bello a adora  
O meu futuro soffrerá a mudança  
Que as provas traz a solidora aurota.

Nas azas d'oiro de fagueira briza,  
Lá diz á pomba a viração — *amor!*  
Em meigos sopros de serena aragem,  
Lá diz — *amei-te!* a mariposa á flôr.

A' rosa branca da campina o lyrio  
D'amor murmura juramentos mil.  
A' strella corre n'amplidão celeste,  
Jurando amôr ao infinito anil.

Ah! quem podera, como vòs, florinhas.  
Dizer—*amor!* á minha estrella q'rida.  
Ah! quem, podera como vòs, dizer-lhe:  
*Vós sois, meu anjo, o meu anal da vida.*

Porem qu' importa que uma ingrata briza  
Não queira ser d'amor a mensageira?  
Eu soffrerei na solidão—martyrio,  
Meu mal contando á virginal roseira.

E se algum dia a mariposa loira,  
Quizer dizer-lhe que meu peito a adora,  
O meu futuro soffrerá a mudança  
Que ás trevas traz a sedutora aurora.

19 de dezembro de 1874.

12 DE JULHO

**bibRIA**

NO 9.º ANIVERSARIO DE MEU PREZADO IRMÃO  
FIRMINO DE VILHENA D'ALMEIDA MAIA

Gravar um nome, memorar um dia  
Na aurea folha de saudoso livro

Eu quero, irmão,

'Nelle esculpindo verdalavras phrases  
Dictadas, sim, pelo fervor constante

D'eterno amor!

Eu quero meu irmão. E' nobre o affecto  
Que a alma abriga, quando ama um ente,  
Que vale o amor.

E tu, que sentes percorrer as veias  
O mesmo sangue, que percorre as minhas,  
E's digno d'ell'.

E's, que, alma pura, juvenil, creança  
Não sentes inda o escaldar ess' alma  
O vicio e o mal.

Não! Só te aquece o coração viçoso  
Sancta virtude, que alimenta o nobre  
—O amor ao bem.

Que o almo facho d'esse fogo santo,  
Que aclara a senda do viver sò recto  
Jámais se apague.

Que não feneça essa luz divina  
Que guia o homen qual pharol celeste  
No mar da vida.

Que a vaga solta, que despede a furia  
De ruins paixões e de mesquinhos gosos,  
Não leve á rocha

Qu'escarpada se ergue da existencia  
Ameaçando engolfar o mortal triste,  
Teu jovem coração.

Que O ETERNO matize d'aureas rosas  
O caminho que em vida trilhar has de,  
Querido irmão;  
Que a ventura te doire, e te illumine  
C'o a chama bemdicta que ella espalha,  
Teus bellos sonhos.

Trabalha! o ETERNO, das alturas,  
Abençôa as acções do, que trabalha,  
Bendíz-lhe as obras;  
Que o trabalho é o Anjo que nos leva  
Ao Céu da flicidade, em seus ethereos,  
Sublimes vãos.

Quando, mais tarde, no correr dos annos,  
Vier c'o a edade o pensamento são,  
Recorda as phrases,  
Que agora te dá um peito amigo,  
E terás 'nellas um compendio certo  
D'almos conselhos.

Que as auras da ventura jamais cessem  
D'enviar seu mago e brando sopra  
A's tuas folhas, flor.  
Sê feliz; vive sempre trabalhando  
Que o ETERNO abençôa o que trabalha,  
Das alturas do Céu.

12 de julho de 1874.

Que o Frazzão maliz d'arras tozaz  
 (o raminho que em vida colhar has de  
 Querido irmão;  
 Vos a ventura le dore, e te blumina  
 O s' chuma beladica que em espalla  
 Tez bellos sonhos.

bibRIA

Testabal o Frazzão, das alunas  
 Abençoar as sações de que traxilla  
 - Rendiv-las as obras -  
 Que o trabalho é o Ajo que nos leva  
 Ao teu de Trabalho, em seus eloscos  
 (Simples Voz)  
 Não se trata de um trabalho  
 Mas de um trabalho de pensamento  
 Trabalho de pensar  
 Que deve ser de um povo grande  
 E fazer de nós um pensamento  
 O que nos conduz  
 Que as vezes de vontade temos  
 E vamos nos ir a grande coisa  
 E nos fazer - um  
 De fazer de nós um pensamento  
 Que nos faça de nós um pensamento  
 De fazer de nós um pensamento  
 De fazer de nós um pensamento

AMOR OU MORTE

bibRIA

NO ALBUM D'UM POETA

Corria meiga a noite...  
As auras, emballando,  
Em seu bafejo brando,  
As folhas do salgueiro,  
Levavam nos seus vôos  
Meus loucos devaneios  
Por entre os castos seios  
Dos lyrios do outeiro.

A brisa ao prepassar,  
Deixava a medo um beijo  
Nos ramalhaes do brejo.  
Passando na collina,  
O rouxinol contente  
Soltava a melodia  
Da sua poesia  
Doce canção devina.

Ceifada rosa ao lado,  
Pedia na descida...  
C'o a pobre já sem vida  
A viração brincava.  
A triste da florinha,  
Abandonada á sorte,  
Queimada já p'la morte,  
Nem côr já ostentava.

O vendaval cortara  
Da haste que foi mãe  
A pobre flor, e, além  
A impellira o vento.  
Assim qual essa rosa,  
Existe no martyrio  
Da alma um roxo lyrio  
Na dôr do passamento.

A rosa amava a junça  
Do brejo, que, assoitado  
Do vendaval irado  
Jazia em funda dor.  
O poeta, esse... esse... triste  
Amava e ama ainda  
Com afeição infinda  
Um anjo... aquella flôr.

O desditoso pensa  
Na estrella que fugira,  
E, pobre, em vão suspira,  
Sem rumo e já sem norte.  
E o pensamento foge,  
Transpondo o infinito.  
E elle tem escripto  
Na alma amor, ou morte.

18 de julho de 1874.

A rosa saraya a junco  
 Do baço, que ressonado  
 Do vento al irado  
 Jalta em luga dor  
 O poeta esse esse triste  
 Amava e ama ainda  
 Com alicção ainda  
 Em ante . . . anella dor

# bibRIA

O desdichoso poeta  
 Na estrella que lucta  
 E que o sol ao mundo  
 E que o vento ao mundo

28 de julho de 1913

Cobriam-lhes os olhos com empurados braços  
Tapavam-lhe a cabeça com as mãos torcidas  
E a cabeça com as mãos torcidas  
E a cabeça com as mãos torcidas

## A MULHER CAHIDA

# bibRIA

A sociedade sempre a pobre, que cahiu  
Alta-lhe o escarneo, o riso e a vergonha;  
A lagrimeira escande o labio, que sorriu  
E diz-lhe a sociedade — teu labio não peço.

A' tarde 'numa rua passava a desgraçada;  
Levava pela mão dois filhos bem pequenos;  
Pedia só a esmolla, ninguem lhe dava nada,  
Nem um olhar sequer, nem um sorriso ao menos!

Cobriam-lhes as carnes uns emporcados trages,  
Tapavam-lh' a miseria immundos farrapões;  
Cuspiam-lhes nas faces vilissimos ultrages,  
Matavam pouco a pouco aquelles corações.

A triste, a deditoza, pedia por piedade,  
Volvia ao Céu os olhos e enchugava o pranto;  
Topava alli um homem, fugia á sociedade,  
Corria a envolver-se da mesquinhez no manto!

A ti, mulher cabida, já não levanta o mundo;  
Escarra-te nas faces a hidiondez d'um crime;  
Sem reparar que és debil, que o teu abysmo é fundo,  
Sem ter uma palavra, que a viver te anime!

A sociedade esmaga a pobre, que cahiu;  
Atira-lhe o escarneo, o riso e a vergonha;  
A desgraçada esconde o labio, que sorriu;  
E diz lhe a sociedade — *teus labios têm peçonha.*

O fel da taça amarga bebeste, oh! deditoza,  
O mundo te despreza, de ti não quer saber!  
Se és rota e desgrenhada, já foste mais formozal  
Com paciencia leva a tua Cruz, mulher!

Supporta a vilania, que o mundo te off'rece!  
Sustenta-lh' as affrontas e vae de Deus aos braços,  
Implora a compaixão, que o teu estado m'rece,  
E vê como são doces os paternaes abraços!

A Virgem Mãe de Deus, Divina Protectora,  
Soccorre sem differença o infeliz que a chama!  
Qu' importa a sociedade? Mulher, se és peccadora!  
Recorre a Deus e calca da sociedade a lama.

30 de março de 1874

bibRIA

É ve como são feitas os pagamentos áfricaes  
Impoita e compoita, que a lei estado na repa  
Sociedade as aforista e ve de Deus as pacoa  
Sociedade a vnaia, que e mudo na oitavo

Sociedade a vnaia, que e mudo na oitavo  
Sociedade a vnaia, que e mudo na oitavo  
Sociedade a vnaia, que e mudo na oitavo  
Sociedade a vnaia, que e mudo na oitavo

# bibRIA

Sociedade a vnaia, que e mudo na oitavo  
Sociedade a vnaia, que e mudo na oitavo  
Sociedade a vnaia, que e mudo na oitavo  
Sociedade a vnaia, que e mudo na oitavo

## UM SONHO

# bibRIA

A' EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. E..... C..... P.....

Nas desdobradas prégas do aureo manto  
Do astro da saudade,  
Rutilavam brilhantes as estrellas ...  
Na vasta immensidade.

Aqui cicia a brisa; ali murmura  
Serena a ribanceira .....  
Além osculos mil trocam as folhas  
Da pallida roseira.

Em volta á minha alma então voava  
O Anjo da ventura!  
Tudo era soidão e socegada  
Repousava a natura.

A meu lado eras tu! Quem mais podera  
Oh! anjo desejar!  
Ver-te perto de mim, sentir teu peito  
Juncto ao meu palpitár.

Parecera que a dita o veu immeso  
De densa escuridão  
Rasgara, só p'ra dar-me mil venturas  
D'amor ao coração.

E eu vi-te sosinha, a sós commigo,  
Sentada ao lado meu.

E eu dei-te d'amor eternas juras  
A' face d'este Cêu!

Fallei-te na paixão que me inspiraste  
'Neste amor, so teu, qu'rida,  
Jurei-te pelo Cêu que escrava tua  
Seria a minha vida.

Pude abrir-te a minh'alma e então mostrar-te  
Qual era esta affeição  
Como quando o lyrio abre seu calix  
A' meiga viração.

E tu, anjo adorado, em teu sorriso  
Mandavas-me a ventura!  
A luz do teu amor rasgara a nuvem  
Mais densa e mais escura.

As palavras d'amor, que então soltaram  
Teus labios perfumados  
Enchiam-me de dita o peito e a alma  
D'amor embriagados!

Mas cala, triste, os sons que agora vibras,  
Oh! destdada lyra!  
Teu canto é illusorio, essa ventura  
Um sonho, uma mentira

29 de novembro de 1874.

biblioteca

# UMA SAUDADE

# bibRIA

NA CAMPA DE MINHA QUERIDA THIA A EX<sup>ta</sup> SR.<sup>a</sup>  
D. MARIA JOSÉ D'ALMEIDA AZEVEDO

Qu'importa que o passar de longos annos  
Haja desfeito em pò  
Teu cadaver, reliquia veneranda  
Do que resta aos mortaes  
Pòs o dia fatal em que Deus grava  
No livro dos destinos  
O dia derradeiro que na vida  
Hajamos de viver?

Qu'importa que o volver de largas eras  
Haja abalado a lousa  
Que é corrida por sobre os frios restos  
Do morredouro ente,  
Que do berço ao sepulchro, só, só passa,  
Desgostos e saudades,  
N'este rodar continuo que dezima  
A pobre humanidade?

Qu' importa que a briza, que percorre  
O ermo cemiterio,  
Haja soprado em tepidos bafejos  
As cinzas respeitaveis  
D'um ente que, se morto é já p'ro mundo,  
Vive comtudo sempre,  
Gravada a sua imagem indelevel  
'Nest'alma, n'este peito?

O sopro, que esvoaça o pó gelado  
Dos restos do mortal  
Não pôde arrebatat-me, oh! não, não pôde  
A effigie que venerol  
Não pode que na alma foi gravada  
Por eterna amizade,  
Que nunca se apagou e nem s'extingue  
C'o revolver do tempo.

Qu' importa aos echos d'uma alma  
    (Onde não morre o affecto,  
Que dedicára ainda quando creança  
    A' voz do amor no berço  
Emballado, sentia já no peito  
    Um toque myst'rioso),  
O percorrer do tempo? os annos passam  
    Mas não passa o amôr.

Qu'importam a ess'alma os annos, tempo  
    Que volta e não mais vem?  
Qu'importa que se volte em baze immensa  
    Mais uma folha ao livro  
Em que Deus o destino humano esculpe  
    Em phrases indeleveis,  
Volvendo no voltar um anno mais  
    Que vâa em veloz giro?

Oh! morte que arrebatas d'esta vida  
    Os entes que prezamos!  
P'ra que ceifar de vidas? P'ra que em viço  
    Tu murchas 'inda a flôr?  
P'ra que roubas o amor, com elle a dita  
    E com ella a existencia?  
Oh! deixa que o pulsar d'um peito amigo  
    Não cesse, nunca morra.

A ti, oh! virtuosa, oh! santa amiga  
Dos dias meus da infancia;  
A ti que me ouviste os vãos lamentos  
Quando no berço eu era,  
E pequeno ao collo me estreitavas  
Com sancto e puro affecto;  
Eu dedico, e off'reço os echos tristes  
D'um peito triste já,

Onde a desdita atroz penetrou funda  
Em fundo desalento,  
Onde a esperança fugiu talvez, quem sabe?  
Pra não voltar jamais!  
Adeus. Acceita ainda um som que solta  
A harpa destoa la  
Do trovador, tão triste, como vive  
No cemiterio o goivo.

3 de novembro de 1874.

Diz-lhe que choro as olvidadas crianças  
Do verde serpeleto cantalozos, lávão,  
Triste, ventando em solenhado amargo  
Pranto acendido.

## A UM SUSPIRO

# bibRIA

DO HESPAÑHOL, DE VESTEIRO TORRES.

Flebil suspiro, que meu peito exhala,  
Vôa fugaz ao meu logar mais qu'rido  
E ao saudar a vida da minh'alma,  
Diz-lhe que choro!

Diz-lhe que choro na olvidada origem  
D'onde serpeia o caudaloso *Minho*,  
Triste, vertendo em soledade amarga  
Pranto sentido.

Pranto sentido, que ao brotar da alma,  
Vela meus olhos com intensa dôr,  
Lembrando as ditas d'outro tempo, agora  
Loucas venturas.

Loucas venturas que troncou a ausencia,  
Meigas saudades d'um ethereo amôr,  
Rozas d'um dia que arrastou das aguas  
Rapido giro.

Vôa a queixar-te de meus males, vôa;  
Corre a contar-lhe meu martyrio atroz;  
Vôa a dizer-lhe que a adorei p'ra sempre,  
Voa, suspiro!

20 de junho de 1874.

Alia... a...  
A... o...  
E... a...  
A...

# LEMBRANÇAS DA PRAIA

# bibRIA

A R . . . M . . . . .

Corria meiga a noite. O mar... revoltoso;  
Alem... o saltitar da branca espuma;  
Ao longe... o vagalhão, erguido, solto,  
As ondas... a quebrar-s' a uma e uma.

Alli . . . a massa immensa a encapellar-se,  
Aqui . . . o remover d'ess'agua azul,  
E vir á pratea areia espedaçar-se,  
A lymphá encrespada pelo Sul.

A viração suave, prepassando  
Atravez do espaço inf'nito, immenso,  
Deposita seus beijos murmurando,  
Segredos que desvenda ao mar extenso.

Sentada á beira d'agua eras sôzinha  
Vi-te volver o olhar ao firmamento,  
E soltar um suspiro, que apôs vinha  
Nas azas bemfazejas d'almo vento.

Em suspiro d'amor eu traduzia,  
Aquelle que trouxera a viração.  
E fitei-te e sorriste, e depois lia,  
No rosto, o que alentava o coração.

Como a lua ia alta! e eu fallava  
Comtigo 'neste fogo abrazador  
Qu' incendeia noss'alma e que escrava,  
A torna qual á terra a verde flor.

Como a estrella, doirando o firmamento,  
Sorria docemente ao largo mar,  
Assim, tu egualando o pensamento.  
M'ensinavas, sorrindo, a lei do amar!

E que doces momentos, minha qu'rida!  
Nós passavamos junctos, sempre unidos!  
Como alegre nos era então a vida!  
Que loucuras! que anhelos esquecidos!

Quem dissera, meu anjo, que passados,  
Momentos só viriam d'amargura!  
Em que a nós, tão distantes, separados,  
Saudades só seriam da ventura?

Debalde rega a agua a murcha flor  
Quando crê, infeliz que lhe dá vida!  
Debalde recordamos d'este amor,  
Uma pagina doirada, mas volvida!

Recordações amargas! Echo escripto,  
D'este affecto só restam em tua alma?  
Só chimeras no mundo! Amor inf'nito,  
Em vendaval desfeito é doce calma.

Mensajes, escritos, e lei de unificación  
Assim, in egualdade e pensamento e lei  
Sorris documental de largo tempo e lei  
Como a estrella doada e firmamento, lei

Que louvamos, que anjos espaciais,  
Como negro nos era o dia e a vida,  
Nos passamos juntos e tipos antigos,  
E que decaz antigos, e lei de unificação

# bibRIA

Seu nome se tornou da ventura,  
Em um dia, e lei de unificação  
Alomta se tornou da ventura,  
Quem é o dia, e lei de unificação

Debalde rega a terra a marcha hor,  
Quando era, idêntico que lei de unificação  
Debalde recomendo, e lei de unificação  
Uma página doada, e lei de unificação

Receber, e lei de unificação  
Debalde affecto se tornou em lei de unificação  
Se chama-se ao mundo, Amor lei de unificação  
Em vinda, e lei de unificação

Costa Nova do Rio e de setembro de 1973  
e lei de unificação

# COIMBRA

AO MEU PREZADO THIO O ILL.<sup>mo</sup> SR.  
JOÃO COELHO D'ALMEIDA

Quem nunca viu Coimbra  
Pela brisa emballada  
Do Mondego;  
Que d'amorosa timbra,  
Na margem reclinada  
Com socego?

ANTONIO DE SERPA.

Quem nunca viu Coimbra  
Ao seio reclinada  
Da agua prateada  
Do limpido Mondego?  
Quem nunca ouviu a aragem,  
Em tepido cicio,  
Dizer ao claro rio  
Segredos em socego?

Quem nunca recebeu  
Da viração um beijo,  
Quando casto desejo  
Lhe sóbe ao coração?  
A' beira do Mondego,  
Sentado junto ás Nymphas,  
Filhas das vitreas limphas,  
Da lua ao clarão?

Quem nunca, quando a brisa,  
Ao percorrer o espaço  
Sentiu o doce abraço  
Da viração d'amôr?  
Quem nunca no bulício  
Da folha veridante,  
Ouiu tão brandamente,  
Seu segredar á flôr?

Quem nunca ouviu as queixas,  
Que vertem essas aguas,  
Chorando pelas fragoas,  
Alem de vez em vez?  
Gemendo sonoras,  
Correndo com bonança  
Pedindo 'inda vingança,  
Aos Céus p'ra a casta Ignez?

Quem nunca ouviu os cantos  
Das auras que suspiram,  
Nas folhas que se viram  
C'o bafejar d'aragem?  
Quem nunca viu na prata  
Do limpido Mondego  
Retractar se em socego  
A mais fiel imagem?

Aquí a lua brilha,  
Com mais fulgente brilho;  
Seguindo o aureo trilha  
A estrella reluz mais.  
E' lindo, lindo o Céu!  
O manto azul, bordado,  
De pallidez franjado,  
Tem b'lezas divinaes.

O languido salgueiro,  
Pendido sobre o rio,  
Beijando o murmurio  
Da agua é mais gracioso,  
Tem curvas mais divinas,  
Tem dobras mais sublimes.  
Vergam se os flebeis vimes  
Ao rio deleitozo,

Quem nunca viu Coimbra,  
Ao seio reclinada,  
Da agua prateada  
Do limpido Mondego?  
Quem nunca ouviu a aragem,  
Em tepido cicio,  
Dizer ao claro rio  
Segredos em socego?

7 de janeiro de 1873

bibRIA

## A SUA IMAGEM

bibRIA

Amara um dia! Sempre,  
Minh'alma atormentada  
Da chama inflamada  
Da mais atroz paixão,  
Voava em tórno a ella  
Qual loira mariposa,  
Que adeja em volta á rosa,  
Em mystica ascensão!

Sentia, às vezes, vaga,  
A' luz de puro amôr,  
A mais saudosa dôr  
Cortar-me as fibras d'alma.  
Não cria na saudade,  
Julgava extincto o affecto,  
Que em coração dilecto,  
Nem o ciume acalma.

Porem ess'ente qu'rido,  
Que eu tinha amado outr'ora.  
Passara, como a hora,  
No decorrer d'um anno.  
Nem creença n'amizade,  
Nem no amôr ficara,  
Pensava que acabara,  
O myst'rioso archano.

Ligara me áquelle anjo  
D' etherea formosura,  
Um laço de ventura,  
De verdadeiro amôr.  
Depois, o vendaval,  
Arrebatara a dita,  
Ceifando-me a desdita,  
Da haste, qual a flôr.

E sempre, sempre atroz,  
A dôr despedaçando  
A alma, recordando  
Momentos de ventura.  
Era um lutar contínuo!  
D'um lado a desespr'ança,  
Do outro uma lembrança,  
—Viver de desventura!

A quem não pungiu nunca  
Libando d'aurea taça,  
O amargo da desgraça,  
O fel da soledade?  
Quem nunca? Oh! já um ente  
Tal dôr soffreu assim?  
Egual é a dôr em mim  
Amar—e ter saulade!

Saudade, sim, que embora  
Não cresse 'nella, havia  
No peito a sympathia,  
A' louca da miragem.  
Rasgava-se esse veu  
'Num dia! Era escrava  
Minh'alma conservava  
Em si a *sua* *immagem*.

7 de novembro de 1874.



Que d'hor, que tristez, qu'innuente esse toupe!  
Que trazes intenz, qu'ra avizant!  
Que d'horas de trepas as lages da freguez!  
Alem ... uma camp, um safo a chorar.

Desizant p'las fozas as larmas tristes  
Gostant saudades os pestos amigos

## DIA DE FINADOS

# bibRIA

A' MEMORIA DE MEUS AVÓS

Entendez vous ces sons mornes et repetés,  
Rettentissant autour de nós toits attistés?

LEMIERE.

Que d'horas são esses, que gemem os sinos  
Da torre soberba da Sé Cathedral?  
Que queixas, que prantos, que vagos lamentos  
Que choros amargos, que verte o metal!

Que dôr, que tristeza, qu'infunde esse toque!  
Que maguas intensas, qu'irá avivar!  
Cobertas de crepes as lages da Egreja  
Alem . . . 'numa campa, um anjo a chorar.

Deslizam p'las lousas as lagrimas tristes,  
Gotejam saudades os peitos amigos,  
As per'las saudosas dô prantô sentido,  
Aljofram a terra dos finaes abrigos.

As auras ligeiras, que beijam as folhas  
Do triste cypreste murmuram — *Saudade.*  
Dos labios gelados do vivo, que chora,  
Fugiu uma phrase, que diz — *Amizade.*

O dia è de lucto, de dôr e de choro!  
Os sinos entôam da morte o cantar.  
Vertamos o pranto da dor e saudade!  
Joelhos em terra! Irmãos! a rezar!

2. de novembro de 1874.

Ha bridas laventuras, que em sopros ligeros  
Sopram sanhaes, montando amores  
Que adolceas rosas beijando o mundo  
Prepessam, sorrindo, ao caliz das flores

# REVELAÇÃO

# bibRIA

A' EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. E. C. P.

Amor, ai! tanto, que no peito humano  
Não é possivel encontrar se mais,

A. CEZAR DA CUNHA.

Ha laços na vida tão doces, que prendem  
Duas almas, que as ligam em aureos elos:  
Ha chamus bemdictas, que em rubros lampejos,  
Dezenham venturas, saciam anhelos.

Ha brizas fagueiras, que em sopros ligeiros.  
Suspiram saudades, murmuram amores;  
Que angelicas rosas beijando o miudo,  
Prepassam, sorrindo, ao calix das flores.

Ha loucos desejos, baldados intentos,  
Beneficos traços, que o braço esculpira;  
Harpejos celestes, canções myst'riozas,  
Que nunca desvendam as cordas da lyra

A harpa divina do Anjo das trôvas  
Não solta harmonias com tanta doçura.  
Não solta, que os vôos das auras suaves,  
Não levam seus cantos do bosque á verdura.

Ha magos sorrisos, que dizem venturas,  
Sublimes mysterios, que a alma traduz;  
São tudo chimeras! phantasticas sombras!  
Que cessam no tum'lo! que acabam c'ò a Cruz

O amor! Ess' algema, que prende a minh' alma  
A um ente, que vejo no mundo edeal!  
Só vejo, só fito, miragem tão bella,  
Qual outra não vive no mundo real!

Sô vejo, sô fito, que os labios não ousam  
Dizer-lhe que a amo, fallar-lhe d'amor,  
Qual teme a bonina tocar em seus beijos  
O pollen doirado da mais linda flor.

Receio que o peito que agora é só d'ella  
Não pulse, baixando da morte á mansão;  
Receio que eu amo e ao homem que adora,  
C'o sopro da briza devora a paixão !

3 d'outubro de 1874.

bibRIA

O peçonhoeiro da mansinha  
Qual tanto a bolha formou em suas veias  
Dize-me que a alma falhar de adiver  
Se veio, se não, que os lábios não cruzam

Recio que  
Não podes deixar de mente a mansão  
Recio que eu amo e ao homem que adora  
E sobre da dita deves a praia

# bibRIA

(RECUERDO)

EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. G. . . . . L. . . . .

No mar, a vaga, perguiçosa em calma,  
Na tempestade, encapeliada, erguida,  
Vem rugir, fera, nos parciais infinitos  
Bater na praia e estallar vencida.

No campo o lyrio, que rebenta em viço,  
Que, meiga, oscula a viração do norte,  
Após a lucta que se trava entr'ambos,  
Succumbe. A relva é seu altar de morte.

No monte, a urze, que se alenta e cresce,  
Quando deslizam crystallinas aguas,  
Morre, esmagada, quando sopra o vento,  
Que, rouco, entôa sua canção de maguas.

Hoje, em meu peito, estalla a vaga irada;  
Rebenta a furia d'infernal procella.  
Cerram-se as nuvens! tenebrosas sombras!  
Oh! foges? foges? deslumbrante estrella?

Deixas, sombrio 'neste mar sem praias,  
Vogar, incerto, meu baixel sem norte?  
Assim aos ferros vagalhões confias  
Meu debil peito que se vae à morte?

Assim me deixas tão sósinho e triste?  
Assim te partes sem dizer-me adeus!!  
Oh! não! eu quero repetir te as juras  
D'amôr ouvidas p'l' amplidão dos Céus!

Deixa-me só, já que o destino o mandat  
Mais esta vez te perderei assim!  
Deixa-me só! Eu morrerei de louco,  
Já que o destino é tão cruel p'ra mim!

Mas deixa ainda repetir-te as juras,  
D'amor ouvidas p'l'amplidão dos Céus!  
E se é p'ra sempre e se não mais te vejo,  
Deixa-me ainda murmurar-te—*adeus*

28 de fevereiro de 1875.

bibRIA

POR TI

# bibRIA

NO ALBUM DA EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup>

D. AUZENDA ALDA DE MAGALHÃES MESQUITA

Não sei que vacuo na minh'alma sinto,  
Não sei que paz, oh! sem cessar anseio!  
Quem sabe accaso se cruel desdita,  
Me parte as fibras com atroz receio.

Quem sabe? A lucta que meu peito teme,  
Só tem um termo nas mansões da morte!  
Se o mundo é nada! e se o viver um sonho,  
Quero, morrendo, terminar tal sorte!

Quero! Quem pôde d'um abysmo immenso  
Transpor as raias sem tombar, cahir?  
Quem pôde a vida supportar sem guia.  
Sem ver a estrella fulgar, luzir!...

Quero sconder-me ao furacão infrene,  
Que d'haste debil vem ceifar-me assim!  
Ao menos, frio, sob a louza minha,  
Taes desventuras acharão um fim!

Já que esta vida, que se vae fanando,  
E' assim c'roada de crueis espinhos,  
Já que no mundo tão atroz tyranno,  
Eu não encontro paternaes carinhos;

A morte, a morte meus martyrios finde!  
Me parta os laços d'infurnaes visões!  
Já que assim corta o meu amor tão puro,  
Eu busco abrigo nas finaes mansões!

Já que entre a aurora d'um futuro d'oiro,  
O impossivel estendeu seu manto,  
Eu quero á morte supplicar socego,  
Quero das campos o repouso santo.

E se algum dia o prepassar da brisa,  
Te fôr dizer que eu descanço alli,  
Recorda o nome do que te amou tanto,  
Do desditozo que morreu... por ti.

15 de fevereiro de 1875

bibRIA

# ANHELOS

# bibRIA

AO MEU PREZADO E LEAL AMIGO

JORGE COUCEIRO DA COSTA

Quando nas horas de tristeza infinda  
Lá quando brilha a rutillante estrella,  
Eu curvo a fronte sob a dor vergada,  
Oh! vejo a campã seductora, bella!

Não sei que encantos sob a terra fria,  
Achar meu peito poderá! Quem sabe?  
Talvez que a morte que me ceife a vida,  
Os meus tormentos infernaes acabe!

Oh! sim! O tum'lo na soidão que o cerca,  
Apraz minh'alma que a desgraça encerra!  
Agora, aneio sepulchral morada,  
Já que o destino me protesta guerra.

Aneio, aneio, que o meu peito vergue,  
Sob uma louza que o desvie á luz!  
Já bem penoza me tem sido a vida,  
Já bem pesada me tem sido a cruz.

Qu' importa a morte? Pois eu prezo a vida;  
Se o seu perfume é d'espinhosas flores?  
Qu' importa a vida a quem a alma sente  
Vergada ao peso d'infinitas dõres?

Da rosa as folhas quando a brisa as leva  
A's doces aguas do ribeiro além...  
Triste se affunde e dolorosa geme,  
Loucos gemidos: assim eu tambem.

Amei um anjo. Era a camelia branca,  
Ao des'brochar na linda primavera;  
Amei-a, amei-a! E o cruel destino,  
Mostrou-me o inferno, uma illusão! chimera!

Mas se o destino me consente ainda,  
Que ao menos gose quando fulge a estrella,  
Ai! sob a campa solitaria e triste,  
Hei de dizer-lhe que morri por ella!

E tu que sabes, como soffre est'alma,  
Mais que ninguem, oh! meu leal amigo,  
Vae dar-me o pranto, d'amisade filho,  
Vae ao sepulchro prantear comigo.

Sò quero a morte, que me roube ao mundo,  
Que acabe e corte tão pesada Cruz!  
Só quero um goivo desfolhado e roxo,  
Por sobre a campa que m'esconda á luz.

12 de fevereiro de 1875.

---

# AO FECHAR DO LIVRO

No termo, quasi, dos nossos *Murmurios*, não deveriamos fechar-os sem dar uma explicação ás pessoas a quem devemos a honra de terem percorrido com a vista os nossos humildes versos.

Quatro d'elles apenas deixam de levar dedicatória. Parecerão ao leitor offercimentos de mais. Talvez.

Como é este o nosso primeiro livro, era-nos dever traçar nas suas paginas os nomes d'aquelles a quem nos ligam, o mais profundo respeito, verdadeira amizade, e sincera sympathia.

Registrando n'ellas os nomes das pessoas a quem foram offertados, cumprimos um dever de gratidão—tomo apenas exacto — e nada mais.

Aveiro, março de 1875.

O AUCTOR.



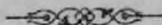
# INDICE

Meus estremecidos Paes.....	7
Aos leitores.....	9
A' Virgem.....	11
Deus.....	13
Natus est Jesus.....	17
Consummatum est.....	21
O Anjo da poesia.....	25
14 de dezembro.....	31
18 de janeiro.....	33
A voz do guerreiro.....	39
Ave liberdade.....	43
O orphão.....	45
Fome e caridade.....	49
O nauta portuguez.....	57
O pobre.....	61
Portugal.....	65
Por que choras?.....	74
No Penedo da Meditação.....	76
O amôr.....	79
Vi-te.....	81
Mysterio.....	85
Amôr impossivel?.....	87
Murmurios do Vouga.....	91
O dia 8 de maio.....	95
Na Lapa dos Esteios.....	97
Lagrimas.....	99
Devaneios.....	103

Hontem, hoje, amanhã.....	107
Sobre o feretro de Rezende Junior....	111
O canto do liberto.....	117
Desalento.....	121
O pirata.....	123
Vida e morte.....	127
A minha estrella.....	131
Riozs e prantos.....	135
A.....	137
A Cruz do ermo.....	139
O genio e a arte.....	143
A' beira d'um tumulo.....	147
Desespero e fé.....	153
12 de julho.....	155
Amôr ou morte.....	159
A mulher cahida.....	163
Um sonho.....	167
Uma saudade.....	171
A um suspiro.....	175
Lembranças da praia.....	177
Coimbra.....	181
A sua immagem.....	185
Dia de finados.....	189
Revelação.....	191
Farwell.....	194
Por ti.....	197
Anhelos.....	200
Ao fechar do livro.....	204



# ERRATAS



Além d'outros, que a bondade e illustração do leitor saberão desculpar e corrigir, apontaremos aqui os erros mais sensiveis e com que mais poderia alterar-se o sentido das orações.

A paginas 86, ultima quadra, 2.<sup>o</sup> verso, onde se lê — *magothereo*, deve lêr-se — *magó, ethereo*. —

No fim da pagina 110, onde se lê — 1875, deve lêr-se 1873.—

A paginas 160, onde se lê — *Pedia na ladeira* deve lêr-se — *Pendia na ladeira* —



OFFFZM 98  
EM 150/1000

# Fernando de Vilhena



MURMURIOS D'ALMA ..... 400 rs.

EM VIA DE PUBLICAÇÃO

FLORES DO CÉU, romance.

A LUTA E O TRIUMPHO, drama em 4 actos.

